



ANDERSON VITOR DOS SANTOS MENDES

**LINGUAGEM *ONLINE*: UM ESTUDO SOBRE HASHTAGS NA
REDE SOCIAL FACEBOOK**

**LAVRAS – MG
2022**

ANDERSON VITOR DOS SANTOS MENDES

**LINGUAGEM *ONLINE*: UM ESTUDO SOBRE HASHTAGS NA REDE SOCIAL
FACEBOOK**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, para obtenção do título de Mestre.

Prof^ª Dra. Patricia Vasconcelos Almeida
Orientadora

**LAVRAS – MG
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha
Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA, com dados
informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Mendes, Anderson Vitor dos Santos.

Linguagem online: um estudo sobre hashtags na
rede social facebook / Anderson Vitor dos Santos
Mendes. - 2022.

87 p. : il.

Orientador(a): Patricia Vasconcelos Almeida.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade
Federal de Lavras, 2022.

Bibliografia.

1. Funcionalismo. 2. Linguagem online. 3.
Translinguagem. I. Almeida, Patricia Vasconcelos. II.
Título.

ANDERSON VITOR DOS SANTOS MENDES

**LINGUAGEM *ONLINE*: UM ESTUDO SOBRE HASHTAGS NA REDE SOCIAL
FACEBOOK**

**ONLINE LANGUAGE:
A STUDY ON HASHTAGS ON THE SOCIAL NETWORK FACEBOOK**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, para obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 31 de agosto de 2022.
Dra. Patricia Vasconcelos Almeida - UFLA
Dr. Valter Pereira Romano - UFSC
Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira - UFLA



Prof^a. Dra. Patricia Vasconcelos Almeida
Orientadora

**LAVRAS – MG
2022**

*A todos que, direta ou indiretamente,
contribuíram para realização deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS A

Meus pais (in memoriam) Alaor Candido Mendes e Marilza de Castro Ruas Mendes, pois sem eles eu nada seria.

Minhas quatro irmãs Andrea, Adriana, Ana Cristina e Rosana por estarem sempre prontas a me apoiar nas horas mais difíceis.

Meus/Minhas sobrinhos(as) e sobrinhos(as) netos(as), os quais me inspiram e me trazem muitas alegrias.

Meus amigos e minhas amigas por sempre acreditarem em meu potencial, quando muitas vezes nem eu acreditava, e por torcerem por mim.

Minha professora e orientadora Patrícia Vasconcelos, pelas sábias orientações e contribuições durante todo mestrado.

Professora Mauriceia Silva de Paula Vieira e ao Professor Valter Pereira Romano pelo exame de qualificação colaborativo e perspicaz.

Meus professores e professoras do Departamento de Estudos da Linguagem (DEL) da Universidade Federal de Lavras (UFLA), que de forma direta ou indireta contribuíram para a ampliação de meus conhecimentos sociais e linguísticos.

UFLA, por oferecer um ensino de qualidade com uma infraestrutura impar.

Muito obrigado!

“Enquanto eu tiver perguntas
e não houver resposta
continuarei a escrever.”

(Clarice Lispector)

RESUMO

A sociedade sofreu fortes transformações com o surgimento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) baseadas em uma proposta de ofertar a possibilidade de fornecer uma linguagem com características digitais rápidas e eficientes, com a capacidade de conectar as pessoas ao redor do mundo pela internet de forma quase instantânea, considerando os meios assíncronos e síncronos. Nesse sentido, este trabalho ocupa-se da investigação sobre o uso das *hashtags* que circulam na rede social digital *Facebook*, para melhor compreensão da produção e da leitura que os usuários realizam dentro desse espaço digital. O objetivo geral deste trabalho é realizar a análise e a descrição linguística dos textos que transitam entre os ambientes *online* e *offline*, mais especificamente o gênero digital *hashtag*. Seguem-se ao objetivo geral mais três objetivos específicos: i) apresentar conceitos linguísticos que envolvem a linguagem *online* por meio de literaturas disponíveis; ii) compreender como as práticas translíngues se manifestam da linguagem *online* para linguagem *offline* em *hashtags* na rede social *Facebook*; iii) descrever os aspectos linguísticos presentes em *hashtags* na rede social *Facebook* com o auxílio da teoria linguística funcionalista. Para a consecução dos objetivos propostos, apresenta-se uma investigação de cunho teórico que contempla questões ligadas às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) e à linguagem *online*, ao letramento digital e à multimodalidade, às práticas translíngues e a translinguagem, e à teoria funcionalista para que então possamos realizar a análise e a descrição das *hashtags* selecionadas. Na construção do quadro teórico são utilizados os trabalhos de Barton e Lee (2015); Canagarajah (2013), Garcia (2014, 2017) e Wei (2017); Kress (2010), Rojo e Moura (2012), Street (2014), Dudeney, Hockly e Pegrum (2016); Ribeiro (2008, 2018); Givon (1995), Furtado da Cunha (2008), e Neves (2001, 2006); dentre outros. Os resultados apontam para a importância de se desenvolver estudos linguísticos sobre a linguagem nos ciberespaços, pois esses se constituem como espaços de reflexão sobre linguagem e comunicação. Afinal, o cotidiano das pessoas é cada vez mais mediado pela linguagem *online*, o que faz com que conceitos linguísticos básicos mudem de significado e/ou novos conceitos apareçam.

Palavras-chave: Funcionalismo. Letramento digital. Multimodalidade. Translinguagem. TDICs.

ABSTRACT

The society has undergone strong transformations with the emergence of Digital Information and Communication Technologies (DICTs) based on a proposal to offer the possibility of providing a language with fast and efficient digital characteristics, able to connect people around the world via the internet almost instantaneously, considering asynchronous and synchronous media. In this sense, this work deals with the research on the use of multimodal texts present in the online language, more specifically the hashtags that circulate in the digital social network Facebook. Considering the importance of a linguistic analysis and description of the texts that transit within the online environment, for a better understanding of the production and reading that users perform within this digital space. The general objective of this work is to carry out the linguistic analysis and description of texts that transit within and between online and offline environments, more specifically the digital hashtag genre. Three more specific objectives follow the general objective: i) to present linguistic concepts involving online language through available literatures; ii) understand how translational practices manifest themselves from offline language to online language in hashtags on social networks; iii) describe the linguistic aspects present in hashtags on social networks with the help of Functionalist linguistic theory. In order to achieve the proposed objectives, a theoretical research will first be carried out, addressing issues related to TDICS and online language, digital and multimodality, translational practices and translanguage, and the theory functionalized so that we can then perform the analysis and description of the selected hashtags. In the construction of the theoretical framework are used the works of Barton and Lee (2015) ; Canagarajah (2013), Garcia (2014, 2017) and Wei (2017); Kress (2010), Rojo and Moura (2012), Street (2014), Dudeney, Hockly and Pegrum (2016); Ribeiro (2008, 2018); Givon (1995), Furtado da Cunha (2008)and Neves (2001, 2006); among others. The partial results point to the importance of developing linguistic studies in cyberspaces, as these are spaces for reflection on language and communication. After all, people's daily lives are increasingly mediated by online language, which causes basic linguistic concepts to change meaning and/or new concepts to appear.

Keywords: Functionalism. Digital Literacy. Multimodality. Translanguage. DICTs.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A primeira hashtag.....	32
Figura 2 - Postagem utilizando a hashtag #modafeminina.....	34
Figura 3 - Placa de loja.....	34
Figura 4 - Meme sobre o isolamento na pandemia.....	47
Figura 5 - Página inicial do Facebook.....	58
Figura 6 - Foto do vídeo no momento da morte de George Floyd.....	62
Figura 7 - Notícia sobre a morte de George Floyd.....	62
Figura 8 - Postagem utilizando a hashtag #vidaspretasimportam.....	63
Figura 9 - Pintura #vidasnegrasimportam em frente o Masp.....	65
Figura 10 - Postagem publicada pelo poder judiciário do Amapá.....	68
Figura 11 - Pintura no muro do cemitério da cidade de Pereira Barreto.....	69
Figura 12 - Postagem no <i>Facebook</i> em abril de 2020.....	71
Figura 13 - Postagem divulgando um show de Reggae.....	73
Figura 14 - Quadro decorativo #sextou.....	75
Figura 15 - Postagem de #tbt sobre a UFLA no Facebook.....	80
Figura 16 - Camiseta #TBT.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferentes representações da forma linguística, ideia ou função.....	44
Quadro 2 - Hashtags pré-selecionadas.....	60
Quadro 3 - Hashtags selecionadas.....	61

LISTA DE SIGLAS

CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GDV	Gramática do Design Visual
LA	Linguística Aplicada
LSF	Linguística Sistêmico Funcional
MASP	Museu de Arte Moderna de São Paulo
TDICs	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
UFLA	Universidade Federal de Lavras

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
2.1	As TDICs e a Linguagem <i>online</i>	19
2.2	Letramentos digitais	24
2.3	A multimodalidade na linguagem <i>online</i>	28
2.3.1	O uso linguístico da <i>hashtag</i>	32
2.4	A translinguagem e as práticas translíngues.....	36
2.5	Funcionalismo: princípios em uso na linguagem <i>online</i>	40
2.5.1	A iconicidade.....	43
2.5.2	A informatividade e o subprincípio da referenciação.....	49
3	METODOLOGIA.....	54
3.1	Tipo da pesquisa	54
3.2	Geração e seleção de dados	57
4	ANÁLISE E RESULTADOS.....	61
4.1	Análise da <i>hashtag</i> #Vidaspretasimportam	62
4.1.1	A prática translíngue de #vidasnegras importam no ambiente <i>offline</i>	64
4.1.2	A iconicidade presentes na <i>hashtag</i> #vidaspretasimportam.....	65
4.1.3	A referenciação presente na <i>hashtag</i> #vidaspretasimportam	66
4.2	Análise das <i>hashtags</i> #FiqueEmCasa e FIQUEEMCASA.....	67
4.2.1	A prática translíngue de #FIQUEEMCASA no ambiente <i>offline</i>	68
4.2.2	A iconicidade presente em #FiqueEmCasa.....	70
4.2.3	A referenciação presente em #FIQUEEMCASA.....	71
4.3	Análise da <i>hashtag</i> #sextou.....	72

4.3.1 A prática translíngua em #sextou no ambiente <i>offline</i>	75
4.3.2 A iconicidade presente em #sextou.....	77
4.3.3 A referência presente em #sextou.....	77
4.4 Análise da hashtag #tbt.....	78
4.4.1 A prática translíngua em #TBT no ambiente <i>offline</i>	81
4.4.2 A iconicidade presente em #tbt.....	82
4.4.3 A referência presente em #tbt.....	83
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	87

1 INTRODUÇÃO

A sociedade sofreu fortes transformações com o surgimento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) baseadas em uma proposta de ofertar a possibilidade de fornecer uma linguagem rápida e eficiente, capaz de conectar as pessoas ao redor do mundo por meio da internet de forma quase instantânea, considerando os meios assíncronos e síncronos. Tal fato vem despertando o interesse de estudiosos de diversas áreas do conhecimento, como os da área da Linguística Aplicada (LA), por exemplo, a qual trabalha para compreender a linguagem em seu uso social.

O aparecimento e o rápido desenvolvimento das TDICs foram responsáveis por uma verdadeira revolução tecnológica e digital capaz de modificar significativamente as práticas culturais, sociais e linguísticas da humanidade em apenas algumas décadas. Nas palavras de Strey e Kapitanski (2011, p.55) “nunca se falou tanto em tecnologia como nas últimas décadas. Seu desenvolvimento tem permitido a existência não de uma nova ciência, mas de uma nova cultura”.

Essa revolução tecnológica, aliada a globalização, trouxe, portanto, novas formas de comunicação entre as pessoas, e fez surgir uma linguagem interativa e dinâmica capaz de conectar pessoas em tempo real seja qual for a distância entre elas, é a chamada linguagem online (BARTON e LEE, 2015). Em decorrência disso, salienta-se que o uso das habilidades sociais e linguísticas são fundamentais para que o falante/usuário diferencie a ocorrência das práticas de leitura e de escrita entre os ambientes *online* e *offline*¹. Segundo TaKaKi e Monte Mor (2017), Dudeney, Hockly e Pegrum (2016) e Ribeiro (2018), é importante que todos os pertencentes a uma sociedade digital letrada saibam interagir em diferentes contextos ressignificados de comunicação, ou seja, eles devem desenvolver o letramento digital.

Além disso, a coexistência dos ambientes *offline* e *online* ocasionou mudanças significativas na linguagem ao permitir que os falantes/usuários transitassem entre práticas linguísticas próprias de um ou de outro ambiente. E, esse trânsito linguístico pode ser

¹ Neste trabalho os termos *online* e *offline* não assumem uma dicotomia *online-offline* estrita. Assim, o uso do termo *online* refere-se às formas de comunicação em rede no mundo digital, enquanto o uso do termo *offline* se refere às formas de comunicação fora das redes no mundo físico.

entendido como práticas translíngues², ou uma translanguagem entre o *offline* e o *online*, como apontam García e Wei (2014). Segundo os autores, a translanguagem funciona gerando transistemas de semiose e criando trans-espacos onde novas práticas de linguagem, práticas multimodais de significados, subjetividades e estruturas sociais são geradas dinamicamente em resposta às interações complexas do século XXI.

Nesse sentido, observa-se a importância de uma análise e descrição linguística dos textos que transitam dentro do ambiente *online*, como os *memes*, os *gifs*, as *hashtags* etc. Para isso, o presente trabalho também propõe a utilização da teoria funcionalista norte-americana, pois essa corrente teórica defende uma descrição da língua com base nas interações sociais em um contexto de uso que leve em conta fatores pragmáticos e discursivos. Para os funcionalistas, a linguagem é uma atividade sociocultural em que mudanças e variações estão sempre presentes, como afirmam Neves (2001, 2010) e Furtado da Cunha (2008).

Inferre-se, então, que as relações existentes entre as linguagens *online/offline* e seus usuários são mais complexas do que podem parecer inicialmente, pois envolvem questões socioculturais, tecnológicas e linguísticas dentro de um ambiente multifacetado capaz de impactar todas as áreas da sociedade. Isso explica o fato de diversas áreas do conhecimento estarem desenvolvendo estudos e pesquisas sobre o ambiente *online*.

Diante dessa seara, este trabalho problematiza a utilização de textos próprios da linguagem *online* na linguagem *offline* por meio de práticas translíngues presentes em *hashtags* circulantes na rede social *Facebook*, para levantar hipóteses sobre como as transformações ocorrem, ou não, nos textos da linguagem *offline* para os da linguagem *online*. Mais precisamente, como as práticas translíngues ocorrem no processo de adequação textual de um tipo de linguagem para o outro. Tal problematização parte de algumas questões apresentadas a seguir.

Quais conceitos linguísticos envolvem a constituição da linguagem *online*? Como as práticas translíngues se manifestam da linguagem *online* para linguagem *offline* em *hashtags* presentes na rede social *Facebook*? A teoria linguística funcionalista pode auxiliar na análise e descrição de certas ocorrências linguísticas típicas da comunicação *online*? Essas são as questões investigativas deste trabalho.

2 Segundo Garcia (2010) e outros, práticas translínguês constituem-se em processos de criar sentidos, delinear experiências e adquirir compreensão e saberes a partir do uso de diferentes línguas e/ou linguagens. O termo será mais bem explicado no referencial teórico.

Na busca por respostas aos questionamentos supramencionados, o objetivo geral deste trabalho é realizar a análise e a descrição linguística dos textos que transitam dentro e entre os ambientes *online* e *offline*, mais especificamente a *hashtag*, para uma melhor compreensão sobre como os usuários do português brasileiro utilizam esse recurso linguístico no espaço digital. Seguem-se ao objetivo geral três objetivos específicos: i) identificar conceitos linguísticos que envolvem a linguagem *online* por meio de literaturas disponíveis; ii) compreender como as práticas translingües se manifestam entre as linguagens *online* e *offline* em *hashtags* na rede social *Facebook* e fora dela; iii) descrever os aspectos linguísticos presentes em *hashtags* na rede social *Facebook* com o auxílio da teoria linguística funcionalista.

Para alcançar os objetivos, é preciso reportar-se às teorias capazes de analisar e explicar os fenômenos de translingüagem na linguagem *online*. Assim, como já mencionado anteriormente, uma das teorias linguísticas escolhidas para análise do trabalho é a funcionalista, pois, por se tratar de uma corrente que analisa a língua e a linguagem em uso, ela parece dar conta da explicação dos fenômenos estruturais e pragmáticos dos textos presentes na linguagem *online*.

As teorias sobre letramento digital e sobre multimodalidade também corroboram com a fundamentação teórica e com a análise do trabalho, porque ajudam na compreensão das habilidades linguísticas necessárias para que uma pessoa transponha a barreira da linguagem *offline* para linguagem *online* pela interação entre leitura e produção de textos. Tendo em vista que apesar de se estar tomando como regra o fato de que a grande maioria dos usuários dos recursos digitais sabem utilizar a linguagem *online* produzindo e lendo textos multimodais com destreza, ainda é possível encontrar pessoas que não são capazes de fazê-lo.

Assim, a discussão sobre o conhecimento linguístico no que tange a translingüagem dentro do ambiente *online* pode não ser uma tarefa fácil, porém, parece ser fundamental para os estudiosos da linguagem, pois tal discussão linguística estabelece relações estruturais de sentido, avalia informações, infere significados, dentre outros aspectos linguísticos. Dessa maneira, a linguagem *online* exerce uma função social ao estabelecer relações que possibilitam a interação entre os falantes em um ambiente digital, interativo, e dinâmico. O que justifica o fato de os estudos sobre a linguagem *online* estar despertando o interesse de diversos linguistas mundo a fora nos últimos anos.

Isso posto, este trabalho se justifica por várias razões. Por exemplo, em Barton e Lee (2015) encontramos dez (10) justificativas que corroboram com esta pesquisa sobre a linguagem *online*,

- 1 - O mundo é cada vez mais mediado pelo texto, e a web é parte essencial dessa mediação textual.
- 2 - Conceitos linguísticos básicos estão mudando de significado, tornando-se necessário um novo conjunto de conceitos.
- 3 - Novos encontros multilíngues *online* mudaram as relações entre as línguas.
- 4 - Recursos linguísticos são mobilizados para afirmar novas identidades e representar o eu em espaços *online*.
- 5- A novas pessoas combinam recursos semióticos de novas maneiras e inventam novas relações entre linguagem e outros modos de construção de sentidos.
- 6 - A internet oferece espaços de reflexão sobre linguagem e comunicação.
- 7 - A linguagem é fundamental para o constante aprendizado em espaços *online*.
- 8 - Práticas linguísticas vernáculas estão se tornando cada vez mais públicas e circulam mais amplamente.
- 9 - A linguagem é central nas novas formas de criação de conhecimento e novas formas de investigação.
- 10 - Novos métodos para pesquisar a linguagem tornam-se possíveis. (BARTON E LEE, 2015, p.29).

Tais justificativas apresentadas pelos autores encaixam-se como um todo nas perspectivas propostas por este trabalho, pois reforçam a importância de um estudo que busque identificar, compreender, analisar e descrever os aspectos linguísticos presentes na linguagem *online*, ou seja, dialogam diretamente com os objetivos desta pesquisa.

Vale salientar que desde a graduação em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), o pesquisador deste trabalho interessa-se pelas questões que envolvem a análise e a descrição linguística devido às dúvidas e aos questionamentos dele sobre a forma como compreendemos, ou não, a formação, a estrutura e os sentidos do português brasileiro.

Ainda durante sua formação em Letras, já nos três últimos períodos do curso, o acadêmico teve a oportunidade de participar de um projeto de iniciação científica do CNPq sobre letramento digital no ensino de leitura e escrita. Surgiu daí o interesse pelas questões que envolvem as TDICs e o letramento digital aliados à análise linguística.

Logo após sua formação inicial, ele ingressou em um curso de especialização da UFLA em Produção de Material Didático utilizando as TDICs, em que produziu e defendeu um trabalho de conclusão de curso sobre letramento digital e o uso de aplicativos digitais para o ensino de língua portuguesa. Mais uma vez as TDICs, o letramento digital, e análise linguística deram suporte teórico e metodológico ao pesquisador, e aguçaram ainda mais seu interesse pelas pesquisas que envolvem essas três áreas. Chega-se, então, ao presente trabalho de pesquisa.

Agora, neste trabalho, o pesquisador busca a ampliação seus conhecimentos sobre a Linguagem, as TDICs e o Letramento digital com base na investigação de fenômenos linguísticos presentes em ambientes *online*, mas especificamente na rede social *Facebook* - por estar entre as redes sociais mais utilizadas pelos brasileiros, segundo uma pesquisa realizada pelo *Social Media Trends 2019*. Além disso, procura trazer uma discussão sobre a língua e a linguagem em uso ao analisar, compreender e descrever os aspectos linguísticos presentes em *hashtags*. O que pode contribuir para melhor compreensão das práticas de leitura e escrita dentro desses ambientes digitais, por parte dos usuários e dos estudiosos que se interessam pelo tema em questão.

Quanto à metodologia e a organização, o presente trabalho envolve pesquisas de balcão de forma qualitativa e se desenvolve em duas fases descritas a seguir.

A primeira fase constitui-se em uma pesquisa bibliográfica com o intuito de fortalecer os argumentos teóricos da dissertação. O referencial teórico elencado, em um primeiro momento, conta com diversos linguistas de diferentes áreas da linguagem, a fim de explicar os conceitos abordados ao longo do trabalho. Os principais linguistas referenciados são: Barton e Lee (2015) sobre a linguagem *online*; Canagarajah (2013), Garcia (2014, 2017) e Wei (2017) sobre a translinguagem e práticas translíngues; Kress (2010), Rojo e Moura (2012), Street (2014), Dudeney, Hockly e Pegrum (2016) e Ribeiro (2008, 2018) sobre os letramentos digitais e a multimodalidade; Givón (1995), Furtado da Cunha (2008), e Neves (2001, 2006) sobre o funcionalismo; dentre outros.

Essa primeira fase corresponde ao capítulo 1 da dissertação e possui 5 seções com os seguintes títulos respectivamente: as TDICs e a linguagem *online*; Letramentos digitais; A multimodalidade na linguagem online; A translinguagem e as práticas translíngues; Funcionalismo: princípios em uso na linguagem *online*.

Na segunda fase constam os capítulos 2 e 3. O capítulo 2 apresenta os procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa tais como a apresentação do tipo de pesquisa, da coleta de dados e das categorias de análise. No capítulo 3, realiza-se a análise e a descrição linguística dos textos que transitam dentro e entre os ambientes *online* e *offline*, mais especificamente o gênero digital *hashtag*, na popular rede social Facebook. Após a seleção do *corpus* e o estabelecimento dos critérios e categorias de análise, parte-se para a fase de analítica dos textos coletados.

O capítulo 2 mostra como foi realizada a pré-seleção de *hashtags* no ambiente *online* já mencionado, sem que as pessoas fossem identificadas, uma vez que o único objetivo é analisar categoricamente as formas estruturais dos textos multimodais que aparecem nas publicações de forma natural sem envolver pessoalmente os usuários dessa rede. Nessa parte do trabalho, estabelecem-se para a análise dos textos coletados os critérios e as categorias da multimodalidade e também da teoria funcionalista, tais como a iconicidade e a referenciação, a fim de realizar a análise e a descrição linguística proposta em nosso objetivo geral.

Assim, o capítulo 3 traz a análise linguística realizada pelo pesquisador com base nas teorias apresentadas anteriormente no primeiro capítulo.

Por fim, apresentam-se as considerações finais, seguida das referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste trabalho apresenta e discute conceitos teóricos essenciais para compreensão do trabalho, como as TDCIs e a linguagem *online*, letramento digital, multimodalidade, translíngua e práticas translínguas, e funcionalismo. Com ele, pretende-se atingir o primeiro objetivo específico proposto neste estudo, isto é, identificar conceitos linguísticos que envolvem a linguagem *online* por meio de literaturas disponíveis.

2.1 As TDCIs e a Linguagem *online*

Uma discussão sobre a linguagem *online* conseqüentemente exige também uma discussão sobre as TDCIs, pois a primeira não seria possível sem a segunda.

As tecnologias digitais presentes na pós-modernidade transformaram significativamente os hábitos das pessoas, como as formas de agir, de pensar, e de comunicar, e levaram a uma revolução digital responsável pelo surgimento de uma acelerada sociedade da informação. A humanidade chegou então à era da informação e do conhecimento, em que a comunicação passa a ser baseada em uma linguagem digital quase instantânea que distribui informações ao redor do mundo por meio da internet. Consequentemente, esse novo *habitus* vem transformando o uso social da linguagem, o que reformulou os meios e modos de interação e de comunicação entre as pessoas dentro de um dinâmico e interativo ambiente, o ambiente *online*, e de uma nova forma de linguagem, a linguagem *online*.

Nas últimas décadas, a sociedade se viu imersa em transformações de toda ordem: social, cultural, econômica, política, dentre outras, que surgiram com o fenômeno da globalização e com o desenvolvimento das TDICs. No Brasil, a rede mundial de computadores começa a ser utilizada de forma pública e coletiva a partir da década de 1990, e se populariza durante a primeira década do século XXI, criando um novo complexo social, e com ele uma linguagem digital para adequar seus usuários a uma cultura digital global. Além disso, a Internet se tornou um instrumento prático, alterando diversas funções e criando outras, principalmente no atual mercado de trabalho que se originou com novas práticas ligadas ao campo da tecnologia, da informática e do conhecimento.

A popularização das TDCIs possibilitou a ampliação das mídias digitais para além do computador de casa, do trabalho ou da escola. A utilização da internet, por exemplo, ocorre nos mais variados espaços públicos seja por meio de redes de dados móveis ou por meio de redes de *WIFI*, o que recria experiências de interações e práticas sociais nesses espaços. Surge, dessa forma, a possibilidade de fazer parte de uma comunidade digital pelas redes sociais, onde os sujeitos interagem entre si, leem e produzem textos diversos, opinam, reivindicam, divulgam informações e até manifestam-se coletivamente.

Respalhando esse ponto de vista, Barton e Lee (2015, p.12) afirmam que “Essas mudanças decorrentes da tecnologia se encaixam em mudanças sociais mais amplas. A vida contemporânea está mudando em muitos aspectos e isso impacta a linguagem e as práticas comunicativas”. Observa-se, por exemplo, que a mudança do meio de comunicação eletrônico para o digital transformou intensamente as relações sócio comunicativas entre as pessoas, pois, nos tempos em que a televisão imperava como o mais importante veículo comunicativo, seus telespectadores recebiam as informações de forma menos interativa, como receptores que

precisavam esperar o dia e o horário determinado para assistirem a certo programa televisivo. Atualmente, o ambiente *online* contribui para uma conexão muito mais livre e independente entre o meio de comunicação digital e as pessoas que o utilizam, uma vez que os usuários não são só espectadores, mas também agentes produtores de conteúdo e de informação.

Sendo assim, a tecnologia digital pode ser vista como um bem coletivo a ser perseguido e incorporado como práticas sociais instituídas pelo próprio meio tecnológico. A transição de paradigmas inerentes às novas configurações sociais na sociedade digital move diferentes pensares e demonstra um alto grau de impacto, tanto nas questões científicas e tecnológicas quanto nas ciências humanas e sociais, como é caso da área da LA.

Segundo Daroda (2012),

As tecnologias, enquanto fontes de interação, informação, sociabilidade e estímulo, proporcionam novas formas de convívio, novas possibilidades de performances e estímulos visuais, criando novos espaços e novas formas de vivenciá-los, alterando seus usos e significados. (DARODA, 2012, p. 103).

A doutora em planejamento urbano e regional, Raquel Ferreira Daroda, discute como o avanço das tecnologias digitais reconfigurou o cotidiano da sociedade da informação, principalmente com os dispositivos móveis conectados à internet, ao facilitar o contato entre as pessoas em qualquer parte do mundo. Com isso, as TDICs modificaram os espaços urbanos ao introduzirem serviços e soluções tecnológicas que contribuíram para o desenvolvimento desses espaços, e para maior comodidade de seus usuários. Há vinte anos era impossível realizar uma transação bancária utilizando um serviço de *internet banking* pelo celular ou até mesmo receber um simples *e-mail*. Nesse sentido, pode-se observar que as TDICs possibilitaram uma nova dimensão de produtos, de transmissão, de arquivo e de acesso à informação alterando o cenário econômico, político e social.

Hoje a sociedade da informação estrutura-se com base em uma aceitação global do uso da internet, na qual o desenvolvimento tecnológico reconfigura o modo de ser, de agir, de relacionar e de existir dos indivíduos em rede, como aponta Lévy (2011),

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 2011, p. 17).

Nesse contexto, o ambiente *online* propõe variados modelos comunicacionais vigentes e com isso outros aspectos passam a ter relevância na sociedade, como, por exemplo, as

formas de interação no meio digital, a valorização do conhecimento e o fato de a informação e as práticas relacionadas a ela tornarem-se essenciais para diversos grupos sociais, pois aproximam membros de uma mesma comunidade com interesses em comum por meio da internet e de uma cultura *online*, ou cibercultura. Veja o que Castells (1999) escreveu há pouco mais de vinte anos,

Na internet a informação vem das pessoas, pessoas gerando e trocando suas informações através da rede. É a infinita capacidade coletiva de a sociedade produzir suas próprias informações, distribuir, recombina, utilizar para especificidades que transformam a prática social, através da transformação da amplitude da mente humana. (CASTELLS, 1999, p. 139)

De acordo com Castells (1999), a internet vista como uma revolução digital - ou evolução digital - causou profundas mudanças nas culturas dos povos e conseqüentemente nos modos e formas de lidarem com a linguagem. Além disso, permitiu a construção de relações sociocomunicativas cada vez mais dinâmicas e coparticipativas. Pode-se dizer que a internet trouxe consigo um ciberespaço onde, nos últimos anos, as pessoas sentem a necessidade de estarem presentes. Ocorre, portanto, um processo gradual de migração de práticas sociais presenciais (*offline*) para práticas virtuais (*online*). Com isso, o ambiente *online* tende a estar mais presente na vida das pessoas, muitas vezes independente das vontades, escolhas, ou preferências, pois estar conectado à rede tornou-se uma prática costumeira quase que involuntária.

Diante do exposto uso das redes, habilidades sociais e linguísticas são fundamentais para que o usuário diferencie a ocorrência das práticas de leitura e de escrita entre os ambientes *online* e *offline*, pois é importante que todos os pertencentes a uma sociedade digital letrada saibam interagir em diferentes contextos de comunicação.

As relações existentes entre as linguagens *online/offline* e seus usuários é mais complexa do que pode parecer inicialmente, pois envolvem questões socioculturais, tecnológicas e linguísticas dentro de um ambiente multifacetado capaz de impactar todas as áreas da sociedade, o que explica o fato de diversas áreas do conhecimento estarem desenvolvendo trabalhos sobre o ambiente *online*, inclusive a área da LA.

O ambiente digital é vasto, com mudanças rápidas e constantes em um curto período de tempo. Por isso, há muitas questões ainda não exploradas. Veja a observação de Barton e Lee (2015) sobre o assunto,

Investigar textos e práticas *online* proporciona novas possibilidades de metodologia de pesquisa linguística. De modo determinante, a internet oferece gratuitamente grandes quantidades de dados textuais. Novos elos entre áreas da linguística são possíveis [...] Novas ligações entre disciplinas são possíveis, na medida em que as abordagens dos estudos de linguagem e letramento complementam outras abordagens e estudos de mídia socioculturais, técnicos e sociológicos. (BARTON e LEE, 2015, p.37).

Os pesquisadores citados apontam para vasta possibilidade de investigações sobre o ambiente *online* em suas mais variadas dimensões e aspectos sociais. Entende-se que as discussões sobre cibercultura, ou cultura *online*, e o uso da linguagem em contextos digitais devem fazer parte dos processos de formação e atualização não apenas dos profissionais que trabalham com as TDICs e/ou com a linguagem, mas a todos. Afinal, as formas de comunicação presentes na era digital afetam práticas comunicativas e discursivas em diferentes áreas do conhecimento.

À medida que a linguagem *online* vai ganhando mais espaço dentro da sociedade, ela passa a influenciar evidentes e intensas mudanças nas práticas sociais e discursivas de seus usuários, por meio de um crescente processo de interação digital em que os indivíduos não são vistos apenas como receptores de informações, mas também como produtores. Por isso, é preciso estar atento às características das práticas linguísticas em contextos *online* para perceber que - ao contrário do que algumas pessoas ainda pensam - a linguagem *online* não traz ameaças para as línguas. Ao contrário, ela amplia a possibilidade de usos por meio de diversas práticas de leitura e de escrita em diferentes formas de comunicação.

O que acontece é que a escrita online (*webwriting*) é, na maioria das vezes, uma escrita mais objetiva, clara e sintética que, conseqüentemente, requer da leitura *online* (*webreading*) certa adequação. Em outras palavras, o ambiente *online* exige de seu usuário uma adaptação de suas práticas de leitura e escrita vindas do ambiente *offline*, levando em consideração questões de conteúdo, extensão, formalidade e forma textual dentro de um conjunto multissemiótico de fatores linguísticos que atuam para a construção de sentido, gerando, assim, práticas textuais translíngues.

Compreende-se, então, que a leitura e a escrita formam a base da linguagem digital e online (RIBEIRO, 2018) e por isso não importa o quanto avançada seja uma tecnologia, ou o quanto ela evolua, seu processo de promoção e utilização continuará a depender da linguagem e essa, por sua vez, de sua base, que será capaz de se adaptar às mudanças geradas pelo meio, adequando-se linguisticamente às novas formas, estruturas e usos.

Nesse sentido, observa-se a importância de se realizar uma análise e descrição linguística dos textos que transitam dentro do ambiente *online*, a fim de melhor compreender a interação dos falantes dentro desse espaço digital. Pode-se dizer que o ambiente *online* é textualmente mediado pela linguagem online, que exige de seus usuários novas práticas translíngues de letramento. Para entender melhor essa linguagem, é preciso apresentar algumas noções de conceitos atrelados a ela e que serão apresentados nas próximas subseções, como o conceito de letramento digital discutido a seguir.

2.2 Letramentos digitais

No Brasil, os estudos sobre letramento iniciaram-se de fato na segunda metade da década de 1980, com base nos estudos da LA, quando o letramento passa a ser entendido como um conjunto de práticas sociais que envolvem leituras e escritas das mais diversas, na busca e na produção de significados durante os processos de comunicação, em que a leitura e a escrita são construtoras de significado que reafirmam as identidades sociais do sujeito letrado, e dão a ele a capacidade de compreender os textos apresentados em seu cotidiano, e de interagir com eles. Para Preto-Bay (2007),

Como artefatos sociais e culturais, os textos escritos são produzidos e, até certo ponto, produzem as estruturas sociais das comunidades em que existem; são mapas para o entendimento das relações entre membros das várias comunidades e, por conterem indícios reais dessas relações sociais, permitem-nos acesso aos valores e princípios de cada comunidade. Por esse motivo, a nossa familiaridade com textos escritos constitui verdadeira evidência da nossa participação legítima em comunidades culturais, políticas, religiosas e laborais e é, ao mesmo tempo, um ponto de acesso a comunidades a que ainda não pertencemos. Assim sendo, o acesso social a estruturas e comunidades a que desejamos pertencer é, em larga escala, mediado pelo uso efetivo e competente do processo literato da leitura e da escrita nas suas vertentes não só cognitivas, mas também sociais e culturais. (PRETO-BAY, 2007, p. 18)

Na visão de Preto-Bay (2007), letramento trata não só de saber ler e escrever, de saber registrar e decifrar os aspectos linguísticos de um texto, mas, principalmente, de compreender e saber estabelecer relações sociais através desse mesmo texto. Neste sentido, a produção e o consumo de textos revelam-se progressivamente como catalisador social de participação e acesso a fontes de conhecimento e, conseqüentemente, de poder. Não lemos somente textos, mas sim o mundo a nossa volta.

Atualmente vários pesquisadores, como Rojo e Moura (2012) e Ribeiro (2018), defendem o uso do termo multiletramentos, ou letramentos (no plural). Tais denominações terminológicas desses autores encaminha uma evolução na maneira de se perceber e lidar com um conceito complexo como o de letramento, pois defende que as pessoas podem ser letradas de várias formas. Por uma questão de coerência entre as teorias apresentadas utiliza-se, também, a terminologia letramentos (no plural) no decorrer deste trabalho.

Ao discutir letramentos, Rojo e Moura (2012) partem da afirmação de que o mundo contemporâneo é caracterizado pela multiplicidade cultural que se expressa e se comunica por meio de textos multissemióticos (impressos ou digitais), ou seja, textos que se constituem por meio de uma multiplicidade de linguagens (fotos, vídeos e gráficos, linguagem verbal oral ou escrita, sonoridades) que fazem significar estes textos. Essa multimodalidade³, multissemiose ou multiplicidade de linguagens exige diversos letramentos, ou seja, exige, “capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar.” (ROJO; MOURA, 2012, p. 19) Em outras palavras, exige novos letramentos, novas práticas e habilidades: digital, visual, sonora. Exige múltiplos letramentos.

A possibilidade de comunicação via textos é mais do que a capacidade de leitura de símbolos linguísticos em uma página. O que um texto simplesmente diz e o que comunica socialmente podem ser realidades e ideias completamente distintas. A comunicação real entre um autor e um leitor é baseada numa prática social e cultural partilhada entre ambos. Ler um texto e compreendê-lo são duas realidades e experiências diferentes.

Para Street (1994), existem dois modelos de letramentos: o autônomo e o ideológico. O primeiro não leva em conta as relações sociais do indivíduo nos processos de letramentos. Já o segundo considera os processos de letramentos como prática social, cultural, linguística e histórica, que envolvem as relações de poder na sociedade. Dos dois modelos propostos por Street, utiliza-se, neste trabalho, o modelo de letramento ideológico, por acreditar que o ser humano constrói seu mundo social, cultural e ideológico por meio da linguagem, e ao dominá-la, o indivíduo compreende melhor o mundo a sua volta e é capaz de transformá-lo.

Por sua vez, Kern (2000) propõe um letramento multidimensional, que integra as dimensões linguística, cognitiva e sociocultural. Para o autor, a dimensão linguística do letramento não se limita a decodificação de símbolos, mas envolve as questões gramaticais da

3 O termo multimodalidade será mais bem explicado na próxima subseção deste trabalho.

língua, assim como os diversos gêneros e estilos linguísticos. A dimensão cognitiva é baseada na capacidade de assimilação e de transformação do conhecimento pelo indivíduo letrado. Já a dimensão sociocultural envolve as relações sociais dinâmicas estabelecidas por esse indivíduo e suas práticas de linguagem. Dentre as três dimensões propostas pelo autor vale a pena ressaltar que este trabalho pauta-se principalmente na dimensão linguística dos letramentos em suas metodologias e análises futuras, porém, pode haver momentos em que as análises exijam a utilização das outras duas dimensões, já que a linguagem é vista como uma prática social em uso.

O surgimento das TDICs trouxe novas formas de vivência em sociedade e com isso modificaram o uso da linguagem, como já apresentado na seção anterior. Isso possibilitou o aparecimento de modalidades de letramentos jamais vistas antes, os chamados letramentos digitais, que passaram a exigir práticas de leitura e de escrita mais dinâmicas e interativas do que as empregadas nos modelos tradicionais de letramentos.

Rojo e Barbosa (2015) argumentam que,

De que o mundo mudou muito nas últimas décadas, ninguém há de discordar. E não somente pelo surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação (doravante, TDICs), embora com seu “luxuoso” auxílio. Surgem novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender. Novos tempos, novas tecnologias, novos textos, novas linguagens. (ROJO e BARBOSA, 2015, p.116).

Levando em conta o que foi dito na citação, os letramentos digitais podem ser entendidos como diferentes práticas de leitura e escrita em ambientes virtuais, que mesclam textos verbais e não verbais em um processo multimodal. Por exemplo, para utilizar uma rede social como o *Facebook*, uma pessoa - que já saiba utilizar um computador ou celular - precisa adquirir um letramento digital que começa pelo reconhecimento do ícone de acesso ao site, ou ao aplicativo, e ser capaz de criar uma conta. Depois, é preciso que ela familiarize-se com o *layout* dessa rede social, e com os comandos de interação existentes nela, como “curtir”, “compartilhar”, “postar”, “excluir”, “adicionar um amigo”, e assim por diante. A questão é que ninguém nasce sabendo utilizar o *Facebook*, assim como ninguém nasce sabendo ler um livro, mas no momento em que entra em contato com essa rede social cria habilidades de leitura e escrita típicas desse ambiente digital, ou seja, aprende e passa a possuir os letramentos necessários para comunicar-se nesse meio constituído pela multimodalidade.

Logo, os letramentos digitais refletem de forma geral as práticas sociais realizadas no ambiente *online*, onde não há apenas uma interação com textos escritos, mas também com imagens, ícones e sons. Cada estudioso traz uma definição distinta, porém inter-relacionada, sobre o tema em questão. Soares (2002, p. 152) define o letramento digital como “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela”.

Por sua vez, para Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p.17), letramentos digitais são “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital.” Já Barton e Lee (2015) discutem uma forma de letramento digital que possibilita o emprego de novos usos da linguagem em um ambiente digital de acordo com as necessidades de cada usuário, o que chamam de virtualidades.

Para exemplificar o termo letramento digital, e também o termo virtualidades, pode-se pensar nos aplicativos de motorista, como o Uber. Uma pessoa que mora em uma cidade pequena, onde não há a oferta desse tipo de serviço *online*, provavelmente não possui o aplicativo em seu celular, e nunca o tenha utilizado. Logo essa pessoa ainda não possui o letramento digital para interagir pelo aplicativo, pois ainda não aprendeu as práticas de leitura e escrita para utilizá-lo. Em outras palavras, ela não adquiriu essa virtualidade por não necessitar dela.

Outro exemplo é o uso do “WhatsApp” como ferramenta de ensino, pois esse aplicativo não foi desenvolvido inicialmente para esse fim, mas os professores e os alunos enxergaram nele uma possibilidade de ampliar a sua utilização em decorrência de uma necessidade educacional. Dessa forma, a virtualidade pode ser entendida, grosso modo, como a possibilidade dos usuários de adquirir ou de produzir novos usos de letramentos digitais.⁴

Retomando, Dudeney, Hockly e Pegrum consideram que “assim como todas as tecnologias de comunicação do passado, novas ferramentas digitais serão associadas a mudanças na língua, no letramento, na educação e na sociedade. Aliás já está sendo.”(DUDENEY, HOCKLY E PEGRUM, 2016, p.17). Ou seja, qualquer tipo de letramento potencializa o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva do indivíduo

⁴ Vale ressaltar que o presente trabalho não se busca aprofundar a definição do termo virtualidade, porém, citá-lo e exemplificá-lo mostrou-se apropriado para apresentar ao leitor um melhor entendimento do que vem a ser letramentos digitais. Além de abrir espaço para possíveis pesquisas futuras.

como ser social e abre caminho para que ele aprenda novos tipos de letramentos. Assim, as práticas de leitura e escrita na tela trazem consigo novos processos cognitivos, e novas formas de conhecimento, isto é, o uso intenso das TDICs fez surgir novos gêneros além dos orais, dos escritos, dos imagéticos, ou dos multimodais – os gêneros digitais.

Diante do que foi exposto, este trabalho mescla em suas análises e descrições, definições diversas sobre letramentos digitais na tentativa de uma maior compreensão das práticas translíngues na linguagem *online*. Uma vez que, definir esse conceito linguístico parece não ser uma tarefa fácil, pois envolve em sua constituição outros conceitos como, por exemplo, o de multimodalidade apresentado na próxima subseção.

2.3 A multimodalidade na linguagem online

Neste percurso teórico sobre multimodalidade destacam-se os trabalhos de Kress, sobretudo sua obra mais conhecida e influente sobre o tema, a qual escreveu em coautoria com van Leeuwen, intitulada *Reading Images: The Grammar of Visual Design* (1996/2006). Nela os autores discutem a relevância, cada vez mais crescente, das imagens e dos compostos visuais na chamada paisagem semiótica atual. Nesse sentido, os autores criticam as teorias semióticas tradicionais que imputavam ao modo visual um papel meramente ilustrativo, ou até mesmo alegórico em relação ao texto verbal, a partir do pensamento sistêmico-funcional.

Na visão de Kress (2006), a Gramática do Design Visual (GDV) apresenta-se, como um modelo teórico-metodológico que permite analisar as imagens a partir de uma perspectiva funcional e crítica. As imagens são compreendidas por esse modelo como estruturas sintáticas que podem ser examinadas assim como as da linguagem verbal, assumindo que “numa cultura alfabetizada os meios visuais da comunicação são expressões racionais de significados culturais propícios a julgamentos e análises racionais” (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 20). Isso é possível pelo fato de a GDV ter suas bases na Linguística Sistêmico Funcional (LSF), a qual pode ser adequada para a análise sintática de qualquer sistema semiótico, inclusive a imagem, já que o que interessa a esse modelo é o estudo da função, e não da forma.

Kress e van Leeuwen (1996/2006) consideram os elementos visuais como textos que produzem três tipos de significados denominados metafunções, quais sejam: representacional (sintaxe da imagem: estruturas narrativas e estruturas conceituais), interacional (relações

particulares entre interlocutores e mundo: distância social, contato, ponto de vista e modalidade), e composicional (composição da imagem ou do texto multimodal: valor informativo, saliência e estruturação). Apesar da capacidade, que o modo visual apresenta, de concretizar as mesmas funções do modo linguístico, é necessário enfatizar que cada modo possui um alcance delimitado de potencial de significação. Isso significa que há situações em que os elementos visuais não conseguem transmitir o que é expresso pela linguagem verbal, assim como nem sempre o que é dito pela imagem pode ser dito pela escrita. Os autores da GDV afirmam que,

[...] os modos semióticos da escrita e da comunicação visual têm cada um seus próprios meios muito particulares de realizar relações semânticas, os quais podem ser muito similares. [...] isso não quer dizer que todas as relações que podem ser realizadas linguisticamente podem também ser realizadas verbalmente – ou vice versa, que todas as relações que podem ser realizadas visualmente podem também ser realizadas linguisticamente (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 46).

Compreende-se, então, que a multimodalidade pode ser conceituada de um modo geral como a copresença de vários modos de linguagem, sendo que os modos interagem na construção dos significados da comunicação social na materialização do texto, (KRESS, 2010). Assim, todo texto é multimodal (RIBEIRO, 2018). Por exemplo, há diferença de entonação quando uma pessoa diz “tudo bem” em uma situação de briga e diz “tudo bem” em uma situação em que essa mesma pessoa se encontra em uma situação normal, a sonoridade da voz parece então agir como um fator multimodal. E mais, quando em um mesmo texto a pessoa muda o formato da letra, nesse caso, o traçado da escrita também pode ser considerado um fator multimodal.

Apesar de não ser um fenômeno recente, a combinação de várias linguagens na comunicação vem se acentuando com o acelerado desenvolvimento das TDICs e da linguagem *online*, o que motiva cada vez mais estudos por essa seara, para a reflexão sobre o complexo processo de construção de sentidos entre a leitura e a produção de textos multimodais dentro dos espaços *online*.

No ambiente digital, cada vez mais a escrita dá lugar a imagem ou então as duas modalidades unem-se para produzir textos multimodais dos mais variados gêneros, de diferentes formas e em diferentes contextos, apresentando modos semióticos cada vez mais complexos, interativos e sofisticados. Com isso, como apontam Barton e Lee (2015) e Ribeiro (2018), houve uma redefinição do conceito de texto, assim como das atividades de leitura e de

escrita, pois o espaço *online* apresenta relações multimodais cada vez mais diversas entre linguagem e imagem. Daí a importância de uma análise linguística para compreender e descrever textos cada vez mais dinâmicos dentro do espaço *online*.

É fato a existência de uma estrutura linguística na comunicação, mediada pelas TDICs, que mistura o verbal – escrita/fala – com o não verbal – imagens/sons – promovendo um hibridismo linguístico. O linguista funcional vê nessa mistura linguística uma interessante oportunidade de estudo e de pesquisa, assumindo um olhar crítico para problematizar os conteúdos *online* hibridizados e/ou supermodalizados que exigem novas compreensões de linguagem. Afinal, para os funcionalistas, a linguagem determina mudanças sociais ao mesmo tempo em que é afetada e transformada por essas mudanças, ou seja, a linguagem *online* é uma prática social que possibilita que as pessoas participem de atividades *online*.

A partir da Web 2.0, muitas mídias *online* passaram a ter seus conteúdos multimodais gerados e editados por seus próprios usuários, como é o caso dos blogs e das redes sociais, onde esses conteúdos podem ser entendidos ao mesmo tempo como processo e produto linguístico resultante da comunicação *online* que mistura escrita, fala, cores, fontes, imagens, sons, vídeos etc. Assim, podemos dizer que o ambiente *online* atual facilita a produção de textos multimodais não fixos e mais fluidos, o que faz do texto *online* menos estável que os textos impressos.

Diante dessa perspectiva, compreender a multimodalidade, tão própria da linguagem *online*, é procurar entender como modos diferentes trabalham juntos para formar textos coerentes e dotados de sentido, pois a convergência de espaços de escrita nas mídias sociais digitais apresenta novas oportunidades para criar, postar, comentar e compartilhar textos multimodais por diferentes caminhos de produção e leitura desses textos. Kress (2010) traz a discussão sobre a construção de sentido em diferentes processos multissemióticos e sociais sujeitos a reconstruções que envolvem diferentes momentos e situações de construção de sentido a partir de modos ou recursos semióticos disponíveis com base nas experiências, interesses e contexto sócio histórico dos indivíduos.

Sendo assim, é preciso uma discussão crítica e reflexiva sobre a multimodalidade presente na linguagem *online*, e não apenas uma mera análise ou reprodução de diferentes modos semióticos sem considerar as construções sociais, históricas, ideológicas e culturais da sociedade que se comunica por meio desses textos. Devemos observar que a cumplicidade e a mutualidade entre as várias linguagens é fundamental, visto que gráficos, tabelas, mapas,

fotos, vídeos, *memes* e hipertextos apresentam convenções que vão além das do sistema linguístico, integrando os aspectos textuais, espaciais e gráficos em diferentes mídias.

As redes sociais são exemplos de espaços *online* de escrita multimodal em potencial, onde as postagens são moldadas por vários fatores sociais e linguísticos situados em contextos específicos de usos, e que refletem o modo como as identidades sociais de seus usuários se realizam por meio de determinadas características e estilos linguísticos. Nas palavras de Barton e Lee (2015),

Sites de redes sociais como o Facebook e o Twitter são plataformas para as pessoas interagirem umas com as outras e se conectarem pela palavra escrita e outros conteúdos multimodais. Os usuários desses sites geralmente compartilham seus interesses e experiências cotidianos, avaliando e reagindo à música que ouviram, aos livros que leram e aos hotéis e restaurantes que visitaram. (BARTON e LEE, 2015, p. 22).

Desse modo, as interações linguísticas dentro das redes sociais são mediadas, em grande parte, por textos e fornecem opções de posicionamento virtual com diversas possibilidades e restrições para ação das pessoas, dependendo da postagem de um status ou de um comentário apresentado. Assim, é importante salientar não apenas os recursos tecnológicos envolvidos no processo de significação da multimodalidade, mas também a intencionalidade dos interlocutores ao utilizarem os códigos linguísticos disponíveis.

Percebe-se, por exemplo, que por mais multimodais que sejam os textos que circulam no ambiente *online*, a palavra escrita ainda é primordial para a grande maioria das formas de interação e de criação de conteúdos dentro desse ambiente, o que nos mostra que os usuários das redes sociais sabem mobilizar com destreza os recursos linguísticos em diferentes contextos para esse ou aquele fim, ou, para essa ou aquela pessoa a partir de um engajamento que leva em conta processos linguísticos dentro dos ambientes *online* e *offline*.

Vale ressaltar que os textos multimodais surgiram bem antes das tecnologias digitais. Eles estão circulando há milênios desde as pinturas nas cavernas e os sinais de fumaça. Passando pelos hieróglifos egípcios e pelos papiros. Até chegar a invenção da imprensa com seus panfletos, livros, jornais, revistas, quadrinhos, cinema, TV etc (RIBEIRO, 2018). No entanto, com o advento da revolução digital a multimodalidade textual ganhou modos comunicativos nunca vistos antes. Os textos os quais já podiam ser considerados hipertextos (COSCARILLE, 2006), foram ressignificados com hiperlinks *online* capazes de criarem

vínculos intertextuais dos mais variados, e a *hashtag* é um exemplo disso, como se pode verificar na próxima subseção.

2.3.1 O uso linguístico da *hashtag*

Como já mencionado, a incorporação dos meios digitais nos dias atuais apresentam ao leitor novas formas de interação e navegação em rede com base em hipertextos e hiperlinks que aparecem e reconfiguram constantemente as formas de leitura no ciberespaço. Observa-se que “muitos dos textos que hoje circulam na sociedade são materializados em ambientes digitais, e é preciso que os indivíduos construam habilidades para lidar com esses textos” (DIAS;NOVAES,2009, p. 3). Ou seja, é preciso saber lidar com a interface desses textos materializados e principalmente saber navegar e buscar informações neles.

A *hashtag* é um exemplo de texto produzido e materializado para o uso em rede digital, pois há menos de quinze anos esse gênero simplesmente não existia. As *hashtags* surgiram primeiro na rede social *Twitter* em 2007, criada por Chris Messina para o agrupamento de mensagens que permitem buscar conteúdo de forma específica em redes sociais. Veja a postagem do próprio Messina no *twitter* sobre a primeira *hashtag*.

Figura 1 - A primeira hashtag



Fonte: www.twitter.com

Mas a ideia das *hashtags* propostas por Messina demorou um pouco a cair no gosto dos internautas, o que só aconteceu dois anos depois, quando em 2009 o Twitter começou a “hiperlinkar” qualquer palavra antecedida por cerquilhas (#). Ou seja, tornou possível clicar sobre a *hashtag* e ser apresentado a uma lista de conteúdos marcados com ela. Já em 2010, a

rede social deu início aos *Trending Topics*, que são os assuntos mais comentados, reunindo as dez *hashtags* mais utilizadas no momento. Como a estratégia deu certo, outras redes sociais também começaram a utilizar a *hashtag*, como o Facebook e o Instagram. E, então, a *hashtag* tornou-se um dos fenômenos digitais mais populares da rede.

Para Coutinho (2014), as *hashtags* também são importantes em função da possibilidade de pesquisa que elas geram. Ao clicar em uma *hashtag* em uma publicação no Facebook, como no caso desta pesquisa, é gerada uma busca pelo referido termo e com isso os usuários têm acesso a outras publicações sobre o mesmo tema. Desse modo, as *hashtags* agrupam conteúdos publicados por pessoas com a mesma posição sobre determinado assunto ou conteúdo e facilitam o encontro dessas pessoas (seja *online* ou *offline*), aumentando as possibilidades de utilização das plataformas de redes sociais digitais como ferramenta de interação.

Nesse sentido, o uso das *hashtags* é feito principalmente por usuários das redes sociais para que suas postagens sejam agrupadas sob temas do mesmo assunto para que sejam visualizadas pelo maior número de usuários possível. A utilização do símbolo *hashtag* (#), no Facebook, no Instagram e no Twitter, permite que pessoas do mundo todo se conectassem por assuntos afins, inclusive podendo se engajar em tema de seu interesse e, por esse motivo, tem sido utilizado por pessoas e instituições em contextos diversos.

As *hashtags* são “todo conteúdo textual precedido pelo símbolo cerquilha (#), em inglês *hash sign* [...], e são criadas livremente pelos membros da rede, a fim de adicionar contexto e metadados às postagens, funcionam como palavras-chave” (CUNHA, 2012, p. 5). Assim, “hiperlinkar” uma postagem com *hashtags* tornou-se uma febre na rede, agrupando e classificando dados gerados dentro do ambiente *online*. É pouco provável navegar em qualquer rede social sem se deparar com o símbolo cerquilha (#) juntando várias palavras como se fossem uma única palavra, ou, linguisticamente falando, alterando a forma morfosintática de elementos lexicais com o propósito de servir às funções exigidas pela linguagem *online* para criação de um hiperlink, a *hashtag*, um texto verbal digital escrito e lido de maneira diferente de um texto verbal *offline*. No entanto, segundo Coscarelli (2006),

Devemos lembrar que links, como qualquer outra forma verbal, não carregam sentido. A criação de links é uma operação feita em qualquer atividade mental, ou seja, é básica em qualquer processamento cognitivo. Nossa mente funciona ‘linkando’, relacionando informações construídas àquelas ainda em construção, dados adquiridos a outros que estão sendo

percebidos (seja por que estímulo for), num processo contínuo de construção de relações. O sentido, portanto, não é algo que está pronto e acabado em algum lugar, esperando para ser resgatado. Ele é construído e modificado ou reavaliado a todo instante. Links não carregam sentido, mas indicam um caminho para a construção deles. (COSCARELLI, 2006, p.8).

Por exemplo, observe a *hashtag* #modafeminina - de acordo com o TagsFinder, mecanismo de busca de *hashtags* na internet, uma das mais usadas no Brasil no ano de 2020 - postada em uma rede social e uma placa de loja com a descrição “moda feminina” expostas nas figuras 2 e 3.

Figura 2 - Postagem utilizando a hashtag #modafeminina



Figura 3 - Placa de loja.



Fonte: www.facebook.com.br

A figura 2 apresenta um post com fotos de blusinhas com o objetivo de venda e na parte superior aparece o texto verbal #modafeminina #blusas #blusinhas. A figura 3 mostra a foto de uma placa de loja física postada no *facebook* com objetivo de divulgação do espaço físico de venda. É perceptível a diferença na forma como as pessoas leem o texto com a *hashtag* (figura 2) e o texto impresso na placa (figura 3), apesar de ambas remeterem a um mesmo propósito, fazer com que as pessoas saibam que ali encontrarão moda feminina. O que muda, e isso parece nítido, é a forma como são dispostos verbalmente os sintagmas. No primeiro caso (figura 2) acrescenta-se a cerquinha e os sintagmas se unem. Já no segundo caso (figura 3), o mais comum ou mais marcado, os sintagmas aparecem separados. E, então, a partir dessa mudança de forma, a função linguística não pode ser considerada a mesma nos

dois casos, pois a junção dos sintagmas mais a cerquilha (figura2) modifica e gera uma estrutura morfossintática para criar um “sintagma digital”, a *hashtag* #modafeminina.

Um outro exemplo possível seria se na placa da loja estivesse escrito também “#modafeminina”, algo muito comum de se ver nos tempos atuais, um texto típico do ambiente *online* transitando no ambiente *offline*. Nesse caso o que mudaria é o fato de que a forma seria a mesma, mas a função não, pois a *hashtag* no ambiente online encaminha para postagens sobre moda feminina oferecidas nas redes sociais, várias lojas e pessoas aparecerão por meio desse hiperlink, ou seja, amplia a busca. Já no caso da placa na loja no ambiente *offline*, a pessoa se ficar interessada entrará apenas naquela loja, ou seja, restringe a busca.

Em suma, é possível perceber com os exemplos supracitados que a *hashtag* é um recurso linguístico puramente criado para o ciberespaço e só desempenha sua função efetivamente dentro da linguagem *online* para a qual foi criada. Veja que usar “#modafeminina” na placa da loja só causa um efeito estético e nada mais, pois o gênero *hashtag* foi criado em forma e função para ser escrito e lido dentro de hipertextos como as páginas das redes sociais, onde não basta apenas ler é preciso navegar.

Partindo desse contexto, e entendendo que a leitura de textos verbais demanda leituras diferentes dependendo de cada texto, gênero e situação de leitura, Coscarelli (2010) considera que ler é diferente de navegar e todo leitor é um navegador, seja no *online* ou no *offline*. Além disso, saber navegar nos ambientes digitais, hoje, é uma habilidade imprescindível. Dessa forma, a leitura deve ser entendida como uma prática social, um processo ativo e dinâmico. Coscarelli e Novaes (2010, p. 3) definem leitura “como leitura verbal hipertextual não linear e um sistema complexo, não por ser complicada, mas por ser realizada de forma dinâmica, aberta, recursiva, gerando estruturas emergentes nem sempre previsíveis”. Os textos mudaram a maneira de serem lidos e escritos quando migraram do papel, ou qualquer outra superfície *offline*, para as telas digitais. Na tela os textos ampliaram significativamente a sua multimodalidade o que provoca discussões sobre como a leitura e a escrita são realizadas em ambientes virtuais.

Nas palavras de Coscarelli (2006),

Acreditamos que, muitas vezes, essas discussões são acompanhadas de uma dose de exagero sobre as mudanças que o formato hipertextual pode acarretar nas atividades do leitor e do escritor. Sair do papel e ir para uma página digital vai modificar a forma de navegação naquele texto, mas nem sempre essa mudança é tão radical assim, por pelo menos dois motivos: um

deles é que nenhum texto é linear e o segundo é que nenhuma leitura é linear. (COSCARELLI, 2006, p.1).

No caso da *hashtag* parece não haver o exagero ao se afirmar que a leitura e a escrita sofreram uma modificação radical do impresso para a tela, aglutinando as letras e as palavras dentro de um hipertexto digital, o que não é muito comum em textos que circulam no ambiente *offline*.

Desse modo os hiperlinks, dentre eles as *hashtags*, são textos construídos e constituídos para/pela linguagem *online* para circularem dentro de hipertextos digitais. Uma vez que, como aponta Coscarelli (2006) ao hipertexto digital também tem sido dada a característica de romper com a forma, incorporando outras. Ele realmente amplia os recursos do texto, possibilitando acesso rápido e direto aos links; além disso, possibilita uma exploração mais sofisticada ou variada de efeitos textuais. Com os hipertextos digitais surge então um hibridismo linguístico⁵ característico da linguagem *online*. E é esse hibridismo que traz à tona uma translinguagem que é sim multimodal e multiletrada. Que atravessa as fronteiras do *offline* para o *online* por meio de práticas translíngues - assunto a ser abordado na próxima subseção.

2.4 A translinguagem e as práticas translíngues

Na seção 2.1, discutiu-se como as TDICs revolucionaram as formas de comunicação entre as pessoas por meio do ciberespaço, onde a linguagem *online* gera fluxos linguísticos e culturais cada vez mais complexos, o que afeta as interações tanto em espaços virtuais quanto em espaços reais. Esses fluxos linguísticos e culturais presentes nas interações possibilitam observar um campo associado às práticas translíngues dentro do ambiente *online*.

Desse modo, as sociedades contemporâneas, com o processo de globalização associado à cultura digital, parecem apresentar cada vez mais deslocamentos, rupturas, desordenamento e descentramento cultural e linguístico na era digital. De acordo com Assis-Peterson (2008), nas sociedades complexas da contemporaneidade, o cruzamento linguístico é um fenômeno inevitável, visto que cada vez mais pessoas vivem e interagem em espaços reais

5 Para Bakhtin (1988, p. 73-74) em *Questões de Literatura e de Estética*, os gêneros podem hibridizar-se, assim como sofrer um processo de intercalação ou fusão importante para a produção do plurilinguismo, como a mistura de linguagens sociais no interior de um único enunciado.

e virtuais, permeados por fluxos linguísticos e culturais que colocam em circulação novas práticas sociais de translinguagem.

Durante muito tempo a translinguagem foi tratada como uma conexão entre o uso do léxico de uma língua estrangeira sendo empregado em outra língua. Por exemplo, quando um brasileiro usa o termo “*hot dog*” para pedir um “cachorro quente” ele está se utilizando de uma prática translíngue entre a língua inglesa e a língua portuguesa para efetuar sua comunicação. É o que se aprende na escola como estrangeirismo. O estrangeirismo é uma prática translíngue entre duas línguas diferentes. Mas, nesta dissertação, a proposta é identificar práticas translíngues entre a linguagem *offline* e a linguagem *online* em ambientes virtuais em uma mesma língua, no caso o português brasileiro, e mostrar que assim como a translinguagem ocorre entre uma língua e outra, ela também pode ocorrer entre uma linguagem e outra em uma mesma língua.

Em seus estudos iniciais sobre o tema, Canagarajah (2011) compreende que translinguagem é a habilidade de falantes multilíngues de alternar entre línguas, considerando que as diversas línguas que formam seus repertórios são parte de um sistema integrado. O autor considera que a habilidade translíngue faz parte das multicompetências de falantes bilíngues, cuja vida, mente e ações seriam diferentes das de falantes monolíngues. Como afirmam Garcia e Wei (2014), o conceito de multicompetências considera as línguas de um indivíduo multilíngue como um todo interconectado - um ecossistema de interdependência mútua. Portanto, a ideia de um único idioma como um conjunto redutível de estruturas abstratas ou como uma entidade mental é enganosa.

Passados alguns anos, Canagarajah (2013), no entanto, rejeita o termo “translinguagem” e adota a expressão “práticas translíngues” para se referir aos diversos conceitos dinâmicos acerca das práticas linguísticas de falantes multilíngues. Essa recusa se baseia no argumento de que o termo “translinguagem”, além de restrito, foi definido sob uma perspectiva cognitiva enquanto deveria ter sido pensado a partir da questão das multicompetências.

Desse modo, “a abordagem translíngue sugere que as línguas são construídas localmente, especialmente por intermédio de negociações a que sócio-historicamente se recorre para o estabelecimento de sentidos em processos de comunicação”, como esclarece Canagarajah (2013, p. 32). As adaptações – e posterior adoção – de construções linguísticas, que emergem de negociações estabelecidas durante as práticas translíngues, é que tornariam

possível o rompimento de padrões linguísticos marcadamente ideológicos. Estes reforçam e reproduzem estruturas sociais hierarquizadas, típicos do monologismo linguístico, orientado pela voz única, silenciadora – que impõe normatizações à maneira descendente. Segundo informa esse pesquisador, “adotar uma visão translíngue implica acatar o hibridismo nato das línguas, seu caráter plural, movendo o olhar para “os processos de contato, mobilidade e sedimentação que subjazem [essas] variedades” (CANAGARAJAH, 2013, p. 56).

Por outro lado, García e Wei (2014) discordam de Canagarajah em certo ponto, afirmando que o que caracteriza translinguagem enquanto campo teórico relevante é seu caráter transdisciplinar, sendo assim, tanto uma questão social quanto cognitiva, pois, para esses linguistas, o conceito de translinguagem ultrapassa a concepção de duas línguas que se adicionam ou são interdependentes. Também não se refere a duas línguas separadas ou a uma mistura híbrida. Translinguagem é a aplicação de práticas linguísticas que utilizam diferentes recursos que, previamente, se movimentavam independentemente no âmbito da linguagem, a partir de contextos histórico-sociais diferentes, mas que são experimentados uns contra os outros a partir das interações entre falantes, de forma que esses recursos, antes independentes, se transformam em um novo todo.

Nessa perspectiva, as práticas de linguagem são legitimamente vistas como práticas sociais, uma vez que são entendidas nas ações dos indivíduos, que as utilizam de acordo com as necessidades contextuais e interacionais. A diversidade e a complexidade com que indivíduos multilíngues são constituídos permite a eles experimentar e utilizar recursos variados e complexos na medida em que interagem em práticas comunicativas. Assim, a translinguagem oferece uma maneira de capturar e expandir práticas complexas de falantes que trazem em sua comunicação cotidiana um repertório linguístico formado não por sistemas autônomos, mas sim, por uma ação que gera trans-sistemas semióticos e cria trans-espacos onde "novas práticas de linguagem, práticas multimodais significativas, subjetividades e estruturas sociais são dinamicamente geradas em resposta as complexas interações do século XXI". (GARCÍA; WEI, 2014, p.43).

Com foco marcadamente direcionado à linguística e baseando-se num modelo dinâmico dentro de um sistema linguístico complexo e interrelacionado, constituído de recursos linguísticos heterogêneos, a concepção de translinguagem se refere a *novas* práticas linguísticas que tornam visíveis a complexidade das trocas linguísticas entre as pessoas com diferentes histórias, reconhecem as novas realidades sociolinguísticas a partir do

questionamento da desigualdade linguística e tornam disponíveis histórias e compreensões “que agora são experienciadas em relação umas às outras nas interações dos/as falantes como um *novo todo*” (GARCÍA; WEI, 2014, p.21).

Portanto, translinguagem vai além do entendimento da complexidade dos espaços e dos recursos múltiplos utilizados pelos indivíduos e busca, num sentido mais amplo, contemplar práticas de linguagem diversas, localizadas e situadas, utilizando as diversas modalidades e a multiplicidade de perspectivas. Seu conceito não evoca, apenas "uma mistura ou uma hibridização de primeira com segunda línguas" (GARCÍA; WEI, 2014, p. 25), mas envolve um processo criativo, no qual a linguagem é estrategicamente usada como um conjunto de “recursos móveis de práticas dentro de um contexto social, cultural político e histórico” (GARCÍA; WEI, 2014, p.9) que pode se adaptar a situações sociolinguísticas globais e locais, de modo que os indivíduos possam fazer sentido de seus mundos, durante a suas interações.

Ainda, para Wei (2017), o termo translinguagem, em sua origem, não tinha como objetivo uma conceitualização teórica, mas uma classificação descritiva para uma prática específica de linguagem. Com o tempo, fez-se presente em variados contextos sociais, em que são faladas, no mínimo, duas línguas, além de se mostrar efetiva em contextos diversos, como é o caso dos espaços *online/offline*. Ou seja, a translinguagem cria um espaço social para o usuário multilíngue, trazendo diferentes dimensões de sua história e de sua experiência pessoal, suas atitudes, crenças e ideologia, sua capacidade física e cognitiva num desempenho coordenado e significativo.

No espaço translíngue, de acordo com Wei (2017), o usuário rompe as dicotomias entre o macro e o micro, o social e o individual, o social e o psicológico, por meio da interação, transitando não somente por entre diferentes estruturas linguísticas, modalidades e sistemas semióticos e cognitivos, mas além deles. O autor afirma que o espaço translíngue tem seu próprio poder transformador, porque envolve, combina e gera identidades, valores e práticas. Portanto, a ideia de translinguagem não é a de um objeto ou um fenômeno linguístico estrutural, mas de uma prática de uso integrado, funcional e dinâmico de diferentes línguas e variedades linguísticas, sendo um processo de construção de conhecimento que está além das línguas, contando com a participação ativa de seus usuários.

Diante de todo o contexto teórico exposto, este trabalho compreende que a translinguagem acontece por meio de práticas translíngues, logo, os dois termos estão sempre

relacionados. Ou seja, para efetuar uma prática translíngue o usuário recorre aos fatores de translíngua. Na placa da loja física com a escrita #modafeminina, exemplo já mencionado anteriormente. Há nesse caso a ocorrência da translíngua a partir da prática translíngue de utilizar uma linguagem *online* no ambiente *offline*. Desse modo, os dois termos aparecerão durante a análise dessa dissertação, a translíngua como fenômeno linguístico e as práticas translíngues como os usos praticados pelos usuários das linguagens *online* e *offline*.

Sendo assim, discutir as práticas translíngues nos ambientes *online* e *offline* é discutir também a língua e a linguagem em uso. Por esse motivo, a seguir é apresentada uma discussão teórica sobre a constituição e os estudos da teoria funcionalista na linguagem, a fim de auxiliar e complementar o presente estudo.

2.5 Funcionalismo: princípios em uso na linguagem *online*

O funcionalismo é uma teoria linguística que se opõe as teorias formalistas ao defender um estudo da língua em uso, e não apenas o estudo da estrutura linguística. Os funcionalistas defendem uma descrição da língua com base nas interações sociais em um contexto de uso que leve em conta fatores pragmáticos e discursivos. Para esses estudiosos a linguagem é uma atividade sociocultural em que mudanças e variações estão sempre presentes, como afirma Furtado da Cunha (2008).

Para melhor compreender a visão funcionalista, segundo Kennedy e Martelotta (2003), é interessante recorrer ao grupo de premissas com que Givón (1995) caracteriza essa concepção: a linguagem é uma atividade sociocultural; a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas; a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica; mudança e variação estão sempre presentes; o sentido é contextualmente dependente e não-atômico; as categorias não são discretas; a estrutura é maleável e não rígida; as gramáticas são emergentes; as regras de gramática permitem algumas exceções.

Nesse sentido, os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa - que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo - a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura

explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. (FURTADO DA CUNHA, 2008).

Sendo assim, a escolha do funcionalismo para o escopo analítico desta pesquisa mostra-se cabível, pois ela dá conta de auxiliar a análise e a descrição linguística dos textos que transitam dentro e entre os ambientes *online* e *offline*, mais especificamente o gênero digital *hashtag*, por se ocupar da língua e da linguagem em uso nos mais variados textos que circulam em ambientes sociais. Além disso, é considerada uma teoria relativamente nova que, em menos de um século, vem despertando o interesse de diversos pesquisadores que buscam explicar as regularidades linguísticas observadas nos usos realizados por falantes de diversas línguas mundo a fora em variados contextos.

Segundo Neves (1997), essa linha funcionalista da linguística surge com os estudiosos da escola de Praga, que desde 1928 já viam a linguagem no texto como parâmetros funcionais. As noções de tema e rema foram apresentadas já nesses primeiros estudos. Entre os seus principais representantes, destacam-se Nikolaj Trubetzkoy e Roman Jakobson. Para Furtado da Cunha (2008, p. 161) “Dentre as principais contribuições dessa escola estão a distinção entre as análises fonética e fonológica dos sons, a análise dos fonemas em traços distintivos e as noções correlatas de binário e marcado.” Assim, pode-se dizer que os representantes dessa escola deram o ponta pé inicial ampliando o funcionalismo para além dos estudos fonológicos.

Outra escola europeia a estudar o funcionalismo foi a Escola de Genebra, influenciada pelas ideias saussurianas. Os principais representantes dessa escola são Charles Bally, Albert Sechehaye e Henri Frei. Conforme relata Furtado da Cunha (2008), Sechehaye limitou-se basicamente a discutir as ideias de Saussure, enquanto Bally definiu como estudo o fato de que não há separação entre a língua e a fala, assumindo assim uma posição teórica funcionalista. Já Frei notabilizou-se por sua análise baseada nos desvios da gramática normativa, que associa os fatos linguísticos a determinadas funções a eles relacionadas.

A Escola de Londres, pelas ideias de Michael K. Halliday, propõe uma teoria funcional centrada em um conceito amplo de função, que inclui tanto as funções de enunciados e textos quanto as funções de unidades dentro de uma estrutura. Halliday (1973) defende a tese de que a natureza da linguagem, enquanto sistema semiótico, e seu desenvolvimento em cada indivíduo devem ser estudados no contexto dos papéis sociais que os indivíduos desempenham.

O linguista holandês Simon Dik (1978) e seus seguidores, o chamado Grupo Holandês, também são estudiosos da linguística funcional. Para esse grupo, a Linguística tem que tratar de dois tipos de sistemas de regras: de um lado, as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas; de outro lado, as regras pragmáticas. Com o objetivo de descrever fatos linguísticos dentro de um modelo funcionalista de análise, Dik (1989), em sua Teoria da Gramática Funcional (*The Theory of Functional Grammar*), apresenta alguns elementos denominados constituintes extrafrasais (extra-clausal constituents).

Nos Estados Unidos da América, Dwight Bolinger (1977) é considerado o precursor dos estudos funcionalistas ao chamar a atenção para fatores pragmáticos estudados pelos estruturalistas e gerativistas. No entanto, o texto considerado pioneiro no desenvolvimento das ideias da escola funcionalista norte-americana é *The Origins of Syntax in Discourse*, publicado por Gillian Sankoff e Penelope Brown, em 1976. Atualmente Givón, Sandra Thompson e Paul Hopper sobressaem pelos seus estudos e análises funcionalistas.

No Brasil os estudos funcionalistas ganham destaque a partir da década de 1980 com o surgimento de vários grupos de diversas orientações teóricas de base funcionalista. Rodolfo Ilari publica, em 1987, *Perspectiva funcional da frase portuguesa*, um trabalho pioneiro no Brasil, que trata do dinamismo comunicativo em termos de tema e rema.

Atualmente os linguistas brasileiros costumam combinar diferentes perspectivas funcionalistas, europeias e americanas, em seus estudos e suas análises. Segundo Neves (2001),

caracterizar o funcionalismo é uma tarefa difícil, já que os rótulos que se conferem aos estudos ditos “funcionalistas” mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes de estudiosos que os desenvolvem, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam. (NEVES, 2001, p.13).

Ou seja, cabe a cada grupo de pesquisa, ou ao pesquisador, escolher dentre as teorias funcionalistas qual melhor se encaixa em sua linha de pesquisa. O Grupo de Estudos Discurso & Gramática, criado por Sebastião Votre, trabalha com os pressupostos do funcionalismo norte-americano. Dentre os princípios centrais dessa corrente funcionalista estão: **informatividade, iconicidade, marcação, transitividade e plano discursivo, e gramaticalização**. Apresenta-se a seguir, de forma resumida, cada um desses conceitos segundo Furtado da Cunha (2008).

1- O princípio de informatividade focaliza o conhecimento que os interlocutores compartilham, ou supõem que compartilham, na interação verbal. Desse modo, um sintagma nominal pode ser classificado como *dado, novo, disponível e inferível*. A referenciação se encontra aqui como um subprincípio.

2- O princípio de iconicidade é definido como a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo).

3- Marcação é a ideia de contraste entre dois elementos de dada categoria linguística, seja ela fonológica, morfológica, ou sintática. A importância do conceito de marcação no que diz respeito ao uso da língua: uma forma linguística mais corriqueira, que apresenta alta frequência de uso, tende a ser conceitualizada de modo mais automatizado pelo usuário da língua e isso significa que essa forma tem pouca expressividade.

4- Transitividade e plano discursivo: o grau de transitividade de uma oração, ou o lugar que ela ocupa na escala de transitividade reflete sua função discursiva característica, de modo que orações com alta transitividade assinalam porções centrais do texto, correspondentes à **figura**, enquanto orações com baixa transitividade marcam as porções periféricas, correspondentes ao **fundo**.

5- Gramaticalização designa um processo unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Dentre esses princípios funcionalistas, este trabalho discutirá mais a fundo dois deles: iconicidade e informatividade (com o subprincípio da referenciação). Pois, verificou-se previamente, por meio de observações e análises realizadas, que é comum esses dois princípios aparecem mutualmente no objeto de pesquisa - as *hashtags* – possibilitando, assim, a utilização deles de forma conjunta durante análise linguística proposta. Nas subseções seguintes, aborda-se cada um deles para melhor entendimento sobre a relação desses dois princípios funcionalistas na estrutura e no sentido presentes nas *hashtags*.

2.5.1 A iconicidade

Há muito que os estudiosos das línguas buscam compreender de que forma se dá o funcionamento das estruturas linguísticas. O filósofo grego Platão já tecia considerações sobre esse funcionamento da linguagem e Aristóteles acreditava que o pensamento reflete, de certa

forma, a realidade que cerca o sujeito, mostrando que as primeiras investigações a respeito da linguagem datam de, aproximadamente, dois mil e quinhentos anos.

Dentre embates diversos sobre a estrutura e o funcionamento da língua, encontram-se algumas das principais questões que permeiam as teorias sobre a linguagem: se há ou não uma relação de similaridade entre estrutura linguística, pensamento e realidade – iconicidade – ou se a língua é composta por um sistema de símbolos arbitrários, ou seja, não há similaridade entre objeto e ideia, coisa e conceito – arbitrariedade.

O linguista norte-americano Talmy Givón (1992), um dos mais importantes estudiosos na área do funcionalismo linguístico na atualidade, promove estudos sobre os pressupostos de iconicidade e isomorfismo – relacionados às noções de forma e significado –, declarando que eles são contrários à ideia de arbitrariedade do código linguístico proposta anteriormente pelos filósofos gregos, pelos estruturalistas e pelos gerativistas. Para sustentar seu posicionamento, o autor baseia-se nas teorias linguísticas funcionalistas e cognitivistas, e também na biologia, para explicar como, na codificação sintática, princípios icônicos (cognitivamente motivados) interagem com princípios mais simbólicos (cognitivamente arbitrários), que respondem pelas regras convencionais.

Sob tal viés, a iconicidade conceitua-se como sendo uma correspondência existente entre forma e significado, ou seja, há uma motivação entre um conceito gerado cognitivamente pelo falante e a representação verbal desse conceito, considerando-se a estrutura gramatical (CUNHA, SILVA e BISPO, 2016).

Outro importante funcionalista norte-americano, Dwight Bolinger (1977), propôs, originalmente, que há um princípio da iconicidade, no qual cada ideia é expressa por uma forma linguística exclusiva, única. Posteriormente, reformulou-se tal versão – devido aos estudos sobre mudança e variação linguística – passando-se a crer que uma forma linguística poderia representar mais de uma ideia, tendo mais de uma função, ou uma ideia ou função sendo representada por diferentes formas linguísticas (CUNHA, OLIVEIRA e MARTELOTTA, 2003). Vejamos alguns exemplos:

Quadro 1 - Diferentes representações da forma linguística, ideia ou função.

Uma forma linguística representando mais de	Uma forma linguística com mais de uma função – uso do	Uma função com mais de uma forma linguística –
--	--	---

uma ideia – vocábulo polissêmico	sufixo <i>-inho</i>	indeterminação do sujeito
O pirata recolheu a <i>vela</i> do navio. (parte de embarcação)	Amo meu <i>gatinho!</i> (afetividade)	Comprou- <i>se</i> uma casa. (partícula apassivadora)
A <i>vela</i> estava acesa no quarto. (objeto de cera)	Perdi meu <i>brinquinho</i> de prata. (diminutivo)	Uma casa <i>foi comprada</i> . (voz passiva)

Fonte: Cunha, Oliveira e Martelotta (2003).

No quadro acima, observa-se na primeira coluna um caso de polissemia, no qual o mesmo vocábulo “vela” adquire duplo significado, representando, portanto, duas ideias. Na segunda coluna, o uso do sufixo “-inho” aparece empregado com mais de uma função: como marca de afetividade e como partícula diminutiva. Já na terceira coluna, duas formas linguísticas (a partícula apassivadora “se” e a voz passiva) são utilizadas para expressar a mesma função – tornar o agente da ação verbal impessoal.

A partir dos exemplos, compreende-se melhor a reformulação do princípio da iconicidade e sua ideia de representação diversa. Com isso em vista, os funcionalistas propuseram, então, uma divisão do princípio da iconicidade em três subprincípios: subprincípio da quantidade, subprincípio da integração (ou proximidade) e subprincípio da ordenação linear ou sequencial.

Segundo Cunha, Costa e Cezario (2003), no subprincípio da quantidade, uma informação maior demanda uma quantidade maior de forma, de estrutura gramatical para expressar o que se deseja. Um pensamento mais complexo demandará uma expressão comunicativa mais complexa. Para Givón (1992, p. 3), esse subprincípio pode ser dado como “(a) A um pedaço maior de informação será fornecido um pedaço maior de código; (b) À informações menos previsíveis, serão fornecidos mais material de codificação; (c) À informações mais importantes, serão fornecidos mais material de codificação.” Tal subprincípio pode ser visualizado no tamanho maior das palavras derivadas ou em retomadas textuais feitas por meio de pronomes. Nesses casos, o conceito de quantidade é diretamente refletido na forma das expressões:

- a) vidro > vidrado > vidraceiro > envidraçar > envidraçamento
- b) Joana comeu pão, bolo, geleia e frutas. Achou todos muito gostosos.

No subprincípio da integração ou proximidade, “conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto” (CUNHA, COSTA e CEZARIO, 2003, p. 32). Ou seja, os termos linguísticos – pontuação, elementos de coesão, morfemas gramaticais, etc. – serão posicionados morfossintaticamente próximos, criando uma integração entre termos e sentenças a níveis temporal e/ou espacial, como em:

- c) O menino chegou, sentou-se e então colocou os pés na mesa.
- d) O menino chegou, sentou-se e colocou os pés na mesa.

Observe que o uso do "então" em (c) quebra o empacotamento da cláusula, diminuindo a ritimicidade oracional e criando uma maior pausa, se comparado a (d), apesar de o valor semântico de ambas as sentenças ser o mesmo.

Por último, tem-se o subprincípio da ordenação linear ou sequencial, segundo o qual as orações aparecem no discurso na mesma ordem em que os eventos ocorrem – linearmente (CUNHA, 2012) – ou as expressões serão colocadas nas orações por ordem de importância e acessibilidade, garantindo a atualidade dos referentes – sequencialmente (GIVÓN, 1992) – ou seja, informações mais importantes e urgentes serão colocadas primeiro na sequência. Como mostra as sentenças a seguir.

- e) Ele vestiu as calças, calçou as meias e depois os sapatos. (ordenação linear)
- f) Vesti uma blusa de frio. Ela estava bastante puída! (ordenação sequencial)

No exemplo (e), temos uma atividade corriqueira, descrita conforme acontece na prática. Nesse caso, o subprincípio da ordenação linear mantém os termos da oração sintaticamente ordenados, sendo, portanto, compreensíveis. Já em (f), é feita uma conexão entre uma informação veiculada anteriormente e sua retomada imediata, ou seja, uma informação dada tende a ocorrer novamente no início da oração posterior.

Ainda, segundo Givón (2012),

A coisa mais notável sobre uma entidade tão complexa e multidimensional quanto a gramática é como sua complexidade é construída componencialmente, a partir de um número relativamente pequeno, de princípios icônicos cognitivamente transparentes. Em cada domínio gramatical, esses princípios se combinam com mais convenções estruturais específicas do domínio – e aparentemente mais arbitrárias. Mas, mesmo aquelas convenções arbitrárias tendem a produzir uma medida de iconicidade – por si mesmas ou quando combinadas com elementos icônicos no contexto específico do domínio. (GÍVON, 1995, p. 3-4).

Ou seja, para o linguista norte-americano a sintaxe é um dispositivo composto no qual elementos mais icônicos – cognitivamente transparentes – combinam-se com os mais simbólicos – cognitivamente arbitrários – para formar uma estrutura de produção complexa. Paradoxalmente, a combinação não prejudica o desempenho geral da iconicidade da gramática. Pelo contrário, reforça isso. Logo, Givón (1992) concebe a ideia de iconicidade na língua sinalizando o quão complexas são as relações linguísticas estabelecidas entre conceito e forma.

Vale mencionar que a vertente aqui apresentada é apenas uma das diversas que são estudadas dentro da linguística e que ainda não existe um consenso entre os cientistas da área quanto às noções de iconicidade, pois o tema compreende um grande leque de hipóteses teóricas que devem ser exploradas para um melhor entendimento de como se dá a relação inegavelmente existente entre linguagem e cognição humana, em textos que circulam nos mais diversos ambientes de interação textual.

Diante do exposto, é possível então aplicar o princípio da iconicidade em textos digitais com base nas premissas de Givón (1992). Veja, no exemplo apresentado na figura 4, como o princípio da iconicidade pode aparecer no texto digital *meme*, por exemplo.

Figura 4: Meme sobre o isolamento na pandemia



Fonte: <https://www.facebook.com>

Nesse texto, um “*meme*”, a iconicidade manifesta-se por meio de elementos imagéticos e verbais que carregam em si uma “estrutura sintática substancialmente icônica e não arbitrária” (GIVÓN, 1992, p. 1).

A imagem do ser azul abrindo a porta e saindo e a imagem dele voltando e abrindo a porta novamente, faz inferir que ele saiu de um lugar e voltou ao mesmo lugar que saiu. Para a construção de sentido entre as duas imagens três princípios icônicos apresentados por Givón (1992) contribuem para a produção e a leitura do texto. O princípio da quantidade em que as informações menos previsíveis serão fornecidos mais material de codificação, pois apenas uma imagem não daria conta de atingir o sentido esperado. O princípio da sequenciação e da proximidade, pois é necessário que a imagem de homenzinho de frente abrindo a porta venha antes da imagem do homenzinho de costas fechando a porta, ao mesmo tempo em que as imagens precisam estar bem próximas para que o leitor possa entender a mensagem presente no *meme*.

Já a linguagem verbal é usada mutuamente à linguagem imagética, uma característica muito comum no *meme* estático, para realização do sentido final proposto pelo texto: a piada feita com o fato de que durante a pandemia uma pessoa passou a ter mais um item indispensável para se preocupar ao sair de casa – a máscara. Essa linguagem verbal também contém em sua disposição marcas dos princípios icônicos descritos em seguida. As construções frasais “chave ok”, “celular ok” e “carteira ok”, utilizadas acima da primeira imagem do meme e dispostas simultaneamente uma sob a outra remetem ao princípio da proximidade - um princípio amplamente comprovado de organização sintática (GIVÓN, 1985) - e , também, dá um efeito sequencial de sentido explicado por Givón como o princípio da sequenciação de elementos sintático-semânticos.

Por fim, o constituinte frasal “pqp a mascarará”, alocado acima da imagem do homenzinho de costas abrindo a porta, que no texto sinaliza a volta por ter esquecido algo, utiliza na formação da abreviatura “pqp” (puta que pariu) o princípio icônico da quantidade aliado a um outro fenômeno linguístico, a gramaticalização, para diminuir expressivamente os morfemas de uma palavra ou expressão, uma construção textual muito comum na *linguagem online*. Assim, a formação do acrônimo “pqp” retira material de codificação (Putá que pariu => pqp), mas mantém o sentido original da expressão na base cognitiva do usuário da língua com base na atenção e no esforço mental (GIVÓN, 1995). Outro princípio utilizado é o da

proximidade uma vez que a forma de um acrônimo caracteriza-se pela junção das letras iniciais das palavras que essas letras representam.

Logo, como se pode verificar, os princípios icônicos transparentes e elementos mais arbitrários ('simbólicos') interagem na composição da estrutura sintática para realização de sentido do *meme* por meio da chamada escala de ligação em códigos de complementação (Givón, 1992).

A próxima subseção discute o princípio da informatividade e seu subprincípio, a referenciação.

2.5.2 A informatividade e o subprincípio da referenciação

O princípio da informatividade está presente em todos os níveis da codificação linguística e acontece por meio das inferências que os interlocutores compartilham em suas interações textuais cotidianas. Segundo Furtado da Cunha (2008), do ponto de vista cognitivo, uma pessoa comunica-se para informar o interlocutor sobre alguma coisa, que pode ser algo do mundo externo, do seu próprio mundo interior, ou algum tipo de manipulação que pretende exercer sobre esse interlocutor.

A clássica dicotomia entre informação velha e informação nova (tema/rema) foi refinada por Prince (apud FURTADO DA CUNHA et al., 2008), sendo ela a primeira a tentar construir um modelo de discurso em que o grau de conhecimento partilhado tem um papel fundamental. Nesse modelo discursivo, as entidades são organizadas em três grupos: novas, inferíveis e evocadas. Posteriormente, Prince reformulou seu modelo, classificando as entidades em: novas/velhas na cabeça do ouvinte, novas/velhas no modelo do discurso e inferíveis.

Avalia-se o grau de informatividade na proporção da novidade de conteúdo e de forma apresentada por um texto. Todo texto traz algo de novo, na forma ou no conteúdo, que influencia o grau de previsibilidade da informação, que determinará o grau de interesse provocado e que, por sua vez, determina a relevância do discurso. A novidade da informação diz respeito ao grau de conhecimento partilhado, que torna a informação mais ou menos previsível para o receptor. O emissor elabora o texto conforme esse grau. Beaugrande e Beaugrande & Dressler (apud ANTUNES, 2009) estabelecem três ordens compreendidas pelos "graus de informatividade". Na primeira ordem, estão as ocorrências com o grau

máximo de previsibilidade e de fácil processamento e, conseqüentemente, com grau mínimo de informatividade. Essa ordem é seguida por uma segunda, tida como uma ordem média pelo fato de as previsões ocorrerem em um meio-termo: entre a ampla previsibilidade e a baixa previsibilidade. Situa-se nessa ordem a maioria das atividades verbais das pessoas. Uma terceira ordem abrange textos em que predominam as irregularidades já esperadas pelos destinatários. Para as atividades em estudo, o mais adequado é que haja equilíbrio entre as informações, haja vista a necessidade de atrair a atenção dos alunos sem, contudo, tornar as propostas muito complexas.

Assim, o tema informatividade é tratado na linguística funcionalista principalmente a partir da classificação semântica e da codificação de referentes, e é exatamente o processo de referenciação que interessa este trabalho, por estar mais intimamente ligado ao processo de compreensão/sentidos do gênero digital escolhido para análise.

As questões sobre referência há tempos vêm sendo estudadas pela Linguística textual. A princípio, o estudo sobre referência focou-se na materialidade do texto e a relação estabelecida entre seus constituintes frasais, com base em teorias formais como Estruturalismo e o Gerativismo. Para essas teorias a referência era vista como uma mera propriedade ou característica do texto, e também como um recurso usado para descrever categorias e regras de combinações entre os elementos do texto. No entanto, com o aparecimento dos estudos de base funcionalista, o texto passa a ser visto como uma atividade complexa dentro de contextos comunicativos, e não mais como algo acabado em si mesmo. Assim, para o funcionalista a referência está ligada a interação e ao compartilhamento de conhecimentos entre pessoas em contextos comunicativos diversos, com base em processos inferenciais que interlocutores realizam nos textos para produzirem sentido a partir de suas visões de mundo.

O termo referenciação entrou em voga com os estudos realizados por Mondada e Dubois (2003), em que as autoras questionam o modelo teórico que considera as palavras uma reprodução exata do mundo, como um reflexo entre o significado e o significante diante do espelho. Para elas, acontece exatamente o oposto. Em vez de uma estabilidade entre palavras e objeto retratado, podem aparecer no texto muitas instabilidades referenciais que variam conforme o ato de enunciação que envolve o contexto e as relações interpessoais discursivas. Ou seja, é a partir da atividade sociointerativa que se criam determinadas expressões capazes de nomear e fazer referência. Uma vez que as categorias linguística e cognitiva não são

estáveis, também não há “estabilidade a priori das entidades no mundo e na língua” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.19). Dependendo da visão dos interlocutores, são construídos objetos do mundo de formas diferentes, pois não existe uma relação determinada estável e definitivamente clara.

Corroborando com Mondada e Dubois (2003), Neves (2006) apresenta diferentes formas de referenciação, como um processo que se realiza no discurso e não apenas como uma representação do mundo. E, para que possamos entender melhor essa diferença, é feita pela autora a seguinte distinção:

- Referência = língua como espelho do mundo.
- Referenciação = língua em uso, mundo construído pelo discurso.

Logo, para os linguistas de vertente funcionalista, o termo referenciação é mais adequado, pois se dá por um processo de construção, no qual se consideram variadas denominações com sentidos aproximados, sem que todas as outras sejam excluídas ao haver a escolha final. Em outras palavras, em seus estudos sobre a questão da referenciação, Neves (2006) argumenta que os participantes de um discurso escolhem fazer referência a alguém ou a algo, cujas identidades podem estabelecer, segundo queiram, ou não, garantir a sua existência nesse universo. Isso deixa claro o fato de a referenciação envolver interatividade e intencionalidade. Segundo a linguista brasileira, há dois modos de referenciar: o construtivo, em que o sujeito falante usa um termo para que o interlocutor construa um referente para esse termo e o introduza em seu modelo mental; e o identificador, em que o emissor de um enunciado usa um termo comum, capaz de permitir a identificação de um referente já disponível, quando já existe uma fonte para a identificação (NEVES, 2006). E acrescenta que,

A captação da referência envolve o universo discursivo, nascido de uma negociação entre os interlocutores para estabelecimento das entidades que nele devem existir, e um componente importante desse processo é a interação que o falante tem de referir-se a algum indivíduo. (NEVES, 2006, p.80).

Assim, a negociação linguística estabelecida pelos usuários da língua gera o processo de referenciação, visto como atividade cognitiva, discursiva e interacional, ela se concretiza por intermédio dos sujeitos sociais. Para Mondada & Dubois (2003), os referentes são objetos de discurso que vão sendo construídos à medida que o enunciado se desenvolve e não apenas como indicação de coisas da realidade. É a construção de uma representação que opera por meio de efeitos de sentido compartilhados socialmente. Nesse sentido, o referente não é

sempre dado, mas construído na interação, por isso a escolha de chamar esse processo de referenciação a fim de enfatizar seu caráter processual. Na visão de Mondada e Dubois (2003) e de Neves (2006), o contexto enunciativo cria categorias referenciais, que se moldam e se transformam na progressão do texto, para serem, então, retomada e recategorizadas durante o processo de produção textual, construindo o chamado objeto de discurso.

Por exemplo, uma postagem nas redes sociais com os dizeres “#usemáscara” em 2019 teria um sentido completamente diferente se comparado ao ano de 2020, em um contexto de pandemia da Covid 19. Em 2019 essa postagem poderia ser entendida como “*será que vai ter uma festa a fantasia...*”, “*a pessoa está filosofando e dizendo que devemos esconder nosso verdadeiro eu...*”, ou ainda, se fosse uma postagem de uma esteticista, “*Será que essas máscaras rejuvenescem mesmo...*”. Já após o ano de 2020 a postagem pode ser facilmente interpretada como um pedido para que as pessoas não deixem de usar máscara ao transitarem por lugares públicos. Observamos, então, que o objeto de discurso da postagem passa a ser completamente diferente após o ano de 2020, e até no mesmo espaço/tempo/acontecimento se usado em contextos distintos, como no caso da esteticista. Ocorrem por tanto, diferentes categorias referenciais.

Outro exemplo é o do “*meme*” apresentado na figura 04, em que se pode observar uma relação de sentido entre os sintagmas nominais ‘chave’, ‘celular’ e ‘carteira’, para se referir ao ato de estar saindo de casa para ir a algum lugar, na imagem à esquerda e a expressão “*pqp a máscara*”, para se referir ao fato do homenzinho estar voltando por ter esquecido a mascarará, que aparece na imagem à direita. Ou seja, as duas imagens no ‘*meme*’ vêm reafirmar o sentido estabelecido pela linguagem verbal utilizada por meio de uma manipulação dos elementos verbais e imagéticos endofônicos (que se encontram dentro do texto), para a produção de uma referência mais óbvia ao leitor, uma espécie de anáfora direta. Nesse caso, conforme Neves (2006), o emissor de um enunciado usa um termo comum, capaz de permitir a identificação de um referente já disponível, quando já existe uma fonte para a identificação.

No entanto, para atingir o objetivo discursivo proposto pelo meme da figura 04, a referenciação manifesta-se com base em um elemento exofórico, o termo ‘mascara’, que aponta para um outro elemento fora do texto, no caso, a situação de quarentena vivenciada pelas pessoas com o aparecimento da pandemia do covid19. Tem-se então uma anáfora associativa indireta e encapsuladora realizada pelo elemento dado dentro do texto por rotulação, pois ‘máscara’ constitui-se como um sintagma anafórico que remete ao fato de as

peessoas só poderem circular em ambientes públicos com o uso de máscaras durante a quarentena da covid 19. Cavalcante (2003) salienta que a característica da anáfora encapsuladora é ser híbrida, já que não tem um referente pontual no texto (por isso tem característica de anáfora indireta), mas ao mesmo tempo “recupera [sem retomar] o que há no co(n)texto⁶” (característica da anáfora direta). Ainda segundo Cavalcante (2003),

O processo de referenciação pode ser entendido como o conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de elaborar as experiências vividas e percebidas, a partir da construção compartilhada dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentidos. (CAVALCANTE, 2003, p. 113).

Para a linguista os objetos-de-discurso (possíveis referentes) são, portanto, instáveis porque são construídos ao longo do texto. No entanto, a presença de anáforas confere certa estabilidade, pois elas devem designar determinado objeto (ou porção textual), possibilitando uma certa progressão textual. Já Mondada e Dubois (2003), discutindo a respeito dos processos de referenciação e objetos-de-discurso, dizem que há duas ideias sobre língua concorrentes no Ocidente: uma que concebe a língua como um conjunto de etiquetas para as coisas do mundo e outra que entende a língua como sendo construída pelos sujeitos, “através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17).

Desta forma, “categorias e objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17). Assim, o funcionalismo trabalha com o termo referenciação por entender que as relações entre o texto e seus interlocutores vão além do ato identificatório de um termo no mundo, mas sim pelo processo de interação e intenção desses interlocutores no discurso, seja ele *offline* ou *online*.

Diante de tudo o que foi discutido até esse momento no referencial teórico, a *hashtag*, dentro das redes sociais, constituem-se como um texto criado, a princípio, exclusivamente para linguagem *online*, que traz em si uma marca de multimodalidade, exigindo dos usuários dessas redes certo grau de letramento digital para escrever e ler esses textos. Além disso, observa-se até o momento que a teoria funcionalista parece dar conta de analisar e descrever a

⁶ Koch e Elias (2009, p. 81), o contexto abrange não só o cotexto, como a situação de interação imediata (o entorno sócio-político-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais, pois engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos sujeitos sociais.

forma e a função das *hashtags* por meio da iconicidade e da referenciação para que se possa compreender melhor como as práticas translíngues ocorrem do ambiente *offline* para o ambiente *online* e vice-versa.

Passamos agora para o próximo capítulo do trabalho, em que se aborda a metodologia e o design da pesquisa.

3 METODOLOGIA

Realizar um estudo científico requer refletir sobre as possibilidades teórico-metodológicas que viabilizariam a investigação pretendida. Com a pesquisa em Letras, não é diferente. Empreender um estudo linguístico ou literário requer escolher um caminho, dentre muitos possíveis, para abordar determinado tema.

As próximas subseções referem-se à caracterização da pesquisa e aos procedimentos metodológicos utilizados no processo de geração e análise dos dados, etapas essas que se fazem necessárias para fornecer consistência e validade científica à pesquisa. A pesquisa, de forma geral, apoiou-se em uma investigação teórica, com revisão de literatura sobre as TDICs e linguagem *online*, letramentos digitais, multimodalidade nas *hashtags*, translíngua/práticas translíngues e funcionalismo.

A seguir, delinea-se melhor como a pesquisa foi realizada.

3.1 Tipo da pesquisa

A natureza desta pesquisa é básica e de caráter qualitativo, uma vez que ela busca realizar a análise e a descrição linguística dos textos que transitam dentro e entre os ambientes *online* e *offline*, mais especificamente o gênero digital *hashtag*, para melhor compreensão sobre como os usuários do português brasileiro utilizam esse gênero dentro e fora do espaço digital. Considerando o objetivo geral apresentado, o estudo desenvolvido apresenta uma pesquisa exploratória e descritiva, dado a necessidade de melhor aprofundar o tema e o problema de pesquisa, por meio da tradução de conceitos e de ideias que possam contribuir para um maior entendimento do assunto estudado. Sobre esse tipo de pesquisa, Paiva (2019) argumenta que,

Tradicionalmente, a pesquisa é dividida, quanto á sua natureza, em duas categorias: básica e aplicada. A **pesquisa básica** tem por objetivo aumentar o conhecimento científico, sem necessariamente aplicá-lo a resolução de um problema. A **pesquisa aplicada** também tem por objetivo gerar novos conhecimentos, mas tem por metas resolver problemas, inovar ou desenvolver novos processos e tecnologias. (PAIVA, 2019, p. 15 – grifos do autor).

Nesse sentido, com a pesquisa desenvolvida tem-se a possibilidade de contribuir para que o conhecimento sobre os temas abordados aumentem dentro do meio científico, principalmente, no que tange à Linguística, mesmo não apresentando um processo novo de investigação.

Já do ponto de vista dos objetivos, este trabalho constitui-se como uma pesquisa exploratória, pois seu propósito é estabelecer familiaridade com o problema, tornando o explícito ou possibilitando a construção de hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico sobre o problema pesquisado e análise de exemplos para estimular a compreensão.

A pesquisa exploratória, segundo Gil (2002, p. 41), "tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores". Pesquisas exploratórias são menos rígidas no planejamento, já que o foco é dar uma visão geral, de tipo aproximativo do assunto. Em geral, assumem a forma de pesquisa bibliográfica. Entre as características estão as informações definidas ao acaso e o processo de pesquisa flexível e não-estruturada. Sua amostra é pequena e não-representativa e a análise dos dados é qualitativa. Esse tipo de pesquisa pode gerar informações para novos estudos. Vale destacar que mesmo quando já existe conhecimento sobre o tema, a pesquisa exploratória é proveitosa, já que um mesmo assunto pode ter diversas explicações segundo pontos de vistas de outros pesquisadores e os diversos contextos de investigação.

Mesmo sendo exploratório, tem-se um planejamento cuidadoso, o mais detalhado possível, para que não haja desperdício de tempo, nem do pesquisador nem dos sujeitos envolvidos.

Já a pesquisa descritiva tem como propósito a tentativa de descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos (SELLTIZ et al., 1965 como citado por OLIVEIRA, 2011). Para Castro (1976 apud OLIVEIRA, 2011), a pesquisa descritiva somente captura e exhibe o cenário de

uma situação, apresenta em números, que a natureza da relação entre variáveis é feita na pesquisa explicativa. É necessário bastante conhecimento do assunto, pois “o pesquisador precisa saber exatamente o que pretende com a pesquisa, ou seja, quem ou o que deseja medir, quando e onde o fará, como o fará e por que deverá fazê-lo” (MATTAR, 2001, p. 23 como citado por OLIVEIRA, 2011). Ela utiliza dados dos levantamentos e caracteriza-se por hipóteses especulativas que não especificam relações de causalidade.

Nesse sentido, um trabalho de cunho descritivo procura descrever a realidade das coisas sem estabelecer relações de causa e efeito, mas apenas mostrar a realidade como ela é, embora os resultados possam ser usados posteriormente para a formulação de hipóteses de causa e efeito.

Já, para a geração e a análise dos dados, elencou-se a abordagem qualitativa de pesquisa. Por pesquisa qualitativa, compreende-se o tipo de investigação que se caracteriza pela obtenção de dados descritivos, em contato direto do pesquisador com a situação estudada, e pela ênfase maior no processo compreensão, como destacam Gil (2002) e Paiva (2019).

Em relação à pesquisa qualitativa, segundo Gerhardt e Silveira (2009), suas características são:

Objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores; suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados mais fidedignos; e oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências”. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32, apud LOPES, 2018).

Já Strauss e Corbin (2008) afirmam que,

Basicamente, há três componentes principais na pesquisa qualitativa. Primeiro, há os dados, que podem vir de várias fontes, tais como entrevistas, observações, documentos, registros e filmes. Segundo, há os procedimentos, que os pesquisadores podem usar para interpretar e organizar os dados. (...) Relatórios escritos e verbais são o terceiro componente. Eles podem ser apresentados como artigos em jornais científicos, em palestras (ex.: Conferências) ou em livros. (STRAUSS e CARBIN, 2008, p.24, apud LOPES, 2018).

No caso do presente trabalho busca-se realizar a análise e a descrição linguística dos textos que transitam entre os ambientes *online* e *offline*, mais especificamente o gênero digital *hashtag*, pois conforme afirmam Barton e Lee (2016),

Entender a linguagem online no bojo duma teoria prático-social da linguagem e do letramento torna possível repensar os significados de texto em nossos dados e também considerar como os textos são produzidos em contextos autênticos de uso e, mais importante, por que as pessoas empregam estratégias linguísticas diferentes em diferentes contextos de uso. (BARTON e LEE, 2016, p. 220).

Quanto à revisão de literatura foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Gil (2002) afirma que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” Seguindo esse conceito, para esse estudo, foram efetuados levantamentos bibliográficos durante toda a pesquisa, sobre os assuntos informados na seção 1. O referencial teórico elencado, em um primeiro momento, conta com diversos linguistas de diferentes áreas da linguagem, a fim de explicar os conceitos abordados ao longo do trabalho.

Compreendido os pormenores sobre o tipo de pesquisa que foi realizado, a seguir será relatado como se deu a geração de dados.

3.2 Geração e seleção de dados

O objeto de pesquisa deste trabalho, as *hashtags*, foi coletado no ambiente *online*, mais precisamente na rede social *Facebook*.

Criado em 2004, o *Facebook* é uma das redes sociais mais populares no mundo. Fundada por Mark Zuckerberg e por seus colegas de quarto da faculdade Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, o *Facebook* ficou popular nos anos 2000 por ser um site de relacionamentos com várias novas funcionalidades em relação às redes sociais anteriores. Uma delas, eram os *likes* (curtidas). É um portal que permite que seus usuários troquem e compartilhem experiências e informações em forma de *posts* (fotos, vídeos, textos, links), que ficam disponíveis em um feed de notícias disponíveis para todos os usuários que acompanham cada perfil. Os perfis podem ter fotos e listas de interesses pessoais, além de trocas de mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos. Os *posts* publicados pelos usuários podem ser públicos ou privados. Também é possível selecionar quem são as pessoas ('amigos'), que poderão ver o conteúdo postado.

O motivo pelo qual essa rede foi elencada está no fato de ela ser a mais popular entre o os usuários brasileiros segundo o relatório de pesquisas de julho de 2021 produzido em parceria por “*We Are Social e Hootsuite*”. Os números de janeiro de 2021, apontam para 150

milhões de brasileiros ativos na rede criada por Zuckerberg e que representam impressionantes 69,6% da população. O *Facebook* é uma rede social versátil e abrangente, que reúne muitas funcionalidades no mesmo lugar. Serve tanto para gerar negócios quanto para conhecer pessoas, relacionar-se com amigos e família, informar-se, dentre outros.

Na figura 5 é apresentada a página inicial para *login* ou para cadastro na rede social escolhida.

Figura 5 - Página inicial do Facebook



Fonte: www.facebook.com.br

Como já mencionado, atualmente, o *Facebook* é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente. Esta interação surge essencialmente pelos comentários a perfis, pela participação em grupos de discussão ou pelo uso de aplicações e jogos. É um espaço de encontro, partilha, discussão de ideias e, provavelmente, o mais utilizado entre estudantes universitários. Esta rede social proporciona uma vasta lista de ferramentas e aplicações que permitem aos utilizadores comunicar e partilhar informação, assim como controlar quem pode acessar à informação específica ou realizar determinadas ações.

O “Face”, como foi apelidado pelos usuários brasileiros, tornou-se um espaço em que é possível o compartilhamento e divulgação de mensagens de textos multimodais dos mais variados. De acordo com Teixeira (2013), os símbolos são responsáveis por transmitir essas mensagens. Ou seja, fotografias, ilustrações, marcas, logotipos, músicas, vídeos, uma infinidade de material que pode ser explorado.

O *Facebook* transformou-se não só num canal de comunicação e um destino para pessoas interessadas em procurar, partilhar ou aprender sobre determinado assunto, mas igualmente um meio de oportunidades. Hoje é uma rede social popular, fácil de usar; não necessita de desenvolvimento interno ou de aquisição de software. É útil para os mais diversos tipos de pessoas, como alunos, professores e ativistas, pois permite a integração de

diversos recursos e fornece alternativas de acesso a diferentes serviços. Permite o controle de privacidade, ou seja, pode-se controlar a informação que queremos que os outros vejam sobre nós.

Dentro dessa rede social se encontram as *hashtags*, objeto de análise deste estudo. Conforme já apresentado na subseção 2.3.1, elas variam quanto à forma, à função, ao lugar de uso etc. Para realizar um estudo com um objeto tão diversificado e levando em conta o objetivo da pesquisa, faz-se necessário o estabelecimento de alguns critérios para composição do *corpus* analisado. De acordo com Santana (2014),

As *hashtags* utilizadas podem agrupar interações, conversas, diálogos, *replies* e, mais do que criar redes em torno de um assunto, criar redes de atores que as utilizam. Além disso, ao associar *hashtags* aos conteúdos que publica – fotografias, vídeos, *links* e *tweets* – os atores tornam rastreáveis os conteúdos, *tweets* e mensagens localizáveis. (SANTANA, 2014, p. 151).

Nesse sentido, as *hashtags* são normalmente descritas como meios para indicar o assunto da mensagem. No entanto é a semântica da palavra precedida pelo símbolo #, a natureza da relação que mantém com publicação e seu contexto de emissão que permitem a compreensão da função da *hashtag* como um todo. Desse modo, uma *hashtag* funciona como um meio de classificação, organização e exploração de mensagem na rede.

Tendo em vista o exposto acima, a seleção das *hashtags* dentro da rede social *Facebook* foi realizada por meio da observação e de *prints* feitos em publicações em que o texto digital apresentava características que pudessem contemplar os dois últimos objetivos específicos deste trabalho, já que o primeiro objetivo, apresentar conceitos linguísticos que envolvem a linguagem *online* por meio de literaturas disponíveis, foi trabalhado no capítulo 1. Com base no segundo objetivo, foi preciso encontrar *hashtags* que apresentassem em sua constituição práticas translíngues, ou seja, o uso da língua ou da linguagem com potencial para conceber práticas de uma linguagem adaptativa entre e além de sistemas considerados até então como separados, como o *online* e o *offline*. Já com base no terceiro objetivo, foi preciso um olhar de analista linguístico ao percorrer a rede para encontrar *hashtags* em que o princípio da iconicidade e da informatividade – com o subprincípio da referência – pudessem ser revelados.

Outros critérios estabelecidos para escolha dos textos a serem analisados diz respeito à data das postagens e às funções da *hashtag*. O *corpus* é composto por *hashtags* criadas ou postadas entre os anos de 2020 e 2021 e que desempenham quatro funções: i) *#vidasnegrasimportam* sugere a participação do usuário em uma causa, uma maneira de fazer

ativismo digital, unindo-se a movimentos culturais ou causas diversas; ii) #fiqueemcasa remete a uma informação ou pedido por parte do usuário e é uma possibilidade de participar de conversas e descobrir informações relevantes; iii) #sextou, representa uma maneira de acrescentar tom de voz, expressar como se sente, incluindo humor, sarcasmo ou ironia, às declarações; iv) #tbt, funciona para acionar um contexto, uma maneira de contextualizar as suas postagens como parte de um acontecimento histórico ou fenômeno cultural.

Em um primeiro momento, foram pré-selecionadas quinze (15) *hashtags* em que os critérios já citados nos parágrafos anteriores se manifestavam. Elas estão expostas no quadro 2:

Quadro 2 - Hashtags pré-selecionadas

#sqn
#tmj
#Elenão
#love
#tbt
#sextou
#vidaspretasimportam
#ficadica
#ficaemcasa
#simbora
#bãotamem
#usemascara
#modafeminina
#achanois
#Ceisquelute

Elas foram elaboradas pelo autor (2021)

Após essa pré-seleção, foram escolhidas, então, as quatro *hashtags* que formariam o *corpus* de análise, por melhor se encaixarem nos objetivos propostos pelo trabalho. Elas estão listadas no quadro abaixo.

Quadro 3 - Hashtags selecionadas.

#ficaemcasa
#sextou
#tbt
#vidaspretasimportam

Fonte: elaborado pelo autor (2022)

As *hashtags* selecionadas correspondem a rótulos semânticos bem ricos, devido às inúmeras possibilidades de análise que oferecem. Veremos que a relação da *hashtag* com os elementos da postagem é fundamental para especificar sua função, principalmente em se tratando de imagens e que o uso desse texto desenvolvido para a linguagem *online* não se limita ao ciberespaço e, por isso, ele é encontrado também em ambientes não virtuais, onde não cria *hiperlinks*, nem tem a capacidade de agrupar pessoas em um click.

Por fim, a seguir analisa-se o corpus selecionado considerando as leituras relacionadas ao assunto e as teorias escolhidas para embasar as reflexões deste trabalho. Assim, com base nas informações apresentadas espera-se uma discussão produtiva acerca do símbolo # quando usado em ambientes *online* e *offline*.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

Este capítulo dedica-se à análise de *hashtags* selecionadas, já apresentadas na metodologia. Para isso, toma-se por base os pressupostos teóricos e metodológicos da multimodalidade, da translinguagem e do funcionalismo norte americano, com os princípios da iconicidade e da informatividade – com foco no subprincípio da referenciação.

Porém, é importante mencionar que as análises versam sobre o objetivo ii) compreender como as práticas translíngues se manifestam da linguagem *online* para linguagem *offline* em *hashtags* encontradas na rede social *Facebook* e o objetivo iii) descrever os aspectos linguísticos presentes em *hashtags* na rede social *Facebook* com o auxílio da teoria funcionalista. Ou seja, as análises buscam trabalhar o alcance dos objetivos propostos de forma paralela.

Apresentam-se a seguir as análises realizadas e a descrição dos resultados.

4.1 Análise da hashtag #Vidaspretasimportam

Para entender a utilização da hashtag #Vidaspretasimportam, primeiro é preciso contextualizar o estopim dessas manifestações nas ruas e principalmente nas redes sociais pelo mundo. Tudo começou em maio de 2020 com a morte gravada de George Floyd. A cena foi gravada e postada na rede por meio de um vídeo em que por mais de oito minutos Floyd clama por sua vida, enquanto um policial branco da cidade de Minneapolis, Estados Unidos, segue com seu joelho sufocando-o. Veja nas figuras 6 e 7 a imagem do vídeo e o recorte de uma notícia.

Figura 6 - Foto do vídeo no momento da morte de George Floyd.



Figura 7 - Notícia sobre a morte de George Floyd.



Fonte: <https://gente.globo.com/blacklivesmatter-em-numeros/>

O acontecimento gerou a indignação de muitas pessoas em todo mundo e trouxe mais uma vez a questão do racismo estrutural presente na sociedade, levantando protestos não só nos E.U.A, mas de forma global, sob o slogan “*Black lifes matter*”, que rivalizou nas redes sociais com a hashtag #blacklivesmatter.

Meses depois no Brasil, em 19 de novembro de 2020, véspera do Dia da Consciência Negra, João Alberto Silveira Freitas, um homem negro de 40 anos foi espancado e morto por seguranças de um famoso hipermercado em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, o que revoltou grande parte da sociedade brasileira e acendeu a chama dos protestos contra o racismo no país. Baseados no slogan de luta “*black lifes matter*” dos estadunidenses, os brasileiros traduziram o termo para “Vidas pretas importam” em cartazes e faixas utilizadas

em manifestações, assim como a hashtag [#vidaspretasimportam](#) tomou conta das redes sociais como forma de protesto nos meios digitais, o chamado ciberativismo⁷.

Após a contextualização do surgimento da *hashtag* selecionada para análise, apresenta-se na imagem abaixo uma postagem da época retirada da rede social Facebook, um dia depois do acontecido.

Figura 8 - Postagem utilizando a hashtag [#vidaspretasimportam](#).



Fonte: www.facebook.com.br

Como se vê, a postagem mostra a indignação de um usuário em relação ao fato ocorrido, por meio de um texto multimodal constituído pelas linguagens verbal e imagética, além de um hiperlink (uma *hashtag*) dentro de um hipertexto (a rede social). Para expressar os sentidos de indignação, revolta e justiça o autor do *post* utiliza uma imagem com a representação do corpo de um homem negro coberto pela bandeira do Brasil, em que os dizeres “Ordem e progresso” foram trocados pelo termo “racismo”, uma arte criada pelo ilustrador Carlos Latuff. A postagem apresenta ainda o posicionamento argumentativo do internauta, escrito por ele, cobrando na rede que os responsáveis sejam punidos. Além disso, ao finalizar a postagem com a hashtag [#vidaspretasimportam](#) o usuário procura reforçar sua

⁷ Murer (2013) afirma que ciberativismo é o uso dos meios de comunicação digital como principal veículo dos cidadãos para reclamar seus direitos, convocar passeatas, registrar protestos e divulgar notícias sobre as causas geradoras de suas insatisfações.

posição contra o fato ocorrido e também o seu engajamento como cidadão que luta contra o racismo no Brasil.

Vale ressaltar, que o texto digital analisado traz em si a marca entre o local e o global no trecho “ISSO NÃO É NOS EUA, É AQUI NO BRASIL”. O que remete aos estudos de Barton e Lee (2015) ao mencionarem que o estabelecimento de relações entre o local e o global sempre foi importante para compreensão da linguagem e das práticas de letramento em um mundo globalizado e isso se potencializou com o aparecimento da linguagem *online*.

Logo, o texto multimodal apresentado na postagem é usado como forma de manifestação na rede digital, as letras em caixa alta enfatizam isso representando um grito, assim como uma faixa ou cartaz é utilizado em manifestações e protestos de rua. Têm-se, nesse caso, um fenômeno de translanguagem da linguagem *offline* para linguagem *online*, pois, com base em Canagarajah (2013), é das adaptações e da adoção de construções linguísticas em outro meio que emergem as práticas translíngues, para produzir sentidos em processos de comunicação diversos, o que, ainda segundo o autor, torna possível o rompimento de padrões linguísticos marcadamente ideológicos em um único meio. Ou seja, a postagem em redes sociais pode ser uma forma de manifestação de posição e de postura dentro do ciberespaço tanto quanto uma pessoa que participa de uma manifestação ou protesto na rua. No ambiente *offline* as pessoas se agrupam em ruas, avenidas e praças principais das cidades, já no ambiente online elas se agrupam utilizando as *hashtags* em redes sociais.

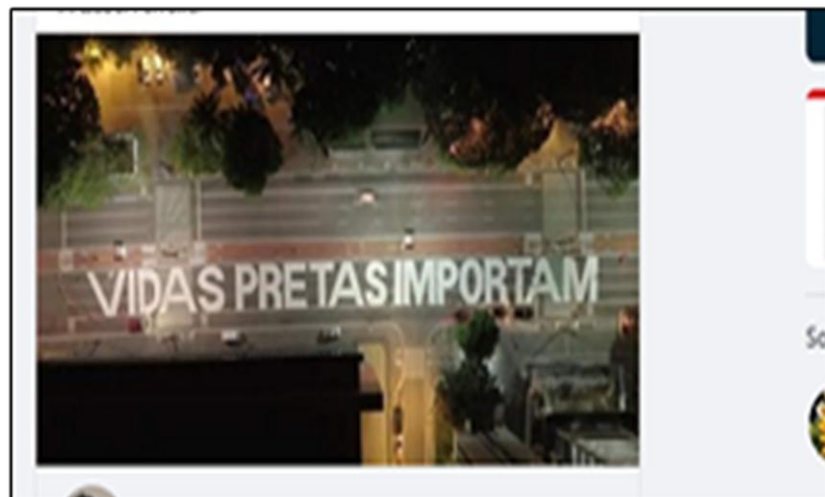
Nesse sentido, como apontam Barton e Lee (2015), os textos multimodais na linguagem *online* apresentam novas oportunidades de criação, postagem, compartilhamento e acesso, tendo muitas das vezes a postura como conceito central, que enquadra compreensões afins sobre opiniões expressas nas mídias sociais. Por isso, as redes sociais como o Facebook são ambientes digitais ricos em postagens de posicionamentos e de posturas dos seus usuários. E, nesse cenário, as *hashtags* parecem ter o papel de agrupar esses posicionamentos comuns dentro da rede.

4.1.1 A prática translíngue de #vidasnegras importam no ambiente *offline*

Complementando a análise do texto, figura 8, pertencente à linguagem *online*, a seguir selecionou-se um texto multimodal no espaço *offline* sobre o mesmo contexto que gerou no Brasil o protesto “#vidaspretasimportam”.

Na noite do dia 20 de novembro de 2020, manifestantes pintaram a frase “#VIDASPRETASIMPORTAM” na Avenida Paulista, na região central de São Paulo. A pintura foi realizada, segundo o jornal folha de São Paulo, por cerca de 30 pessoas do "Coletivo de Artistas Produtores Culturais” em frente ao Museu de Arte de São Paulo (Masp). Na figura 9 temos a imagem desse ato fotografada e postada na rede social Facebook.

Figura 9 – Pintura #VIDASPRETASIMPORTAM em frente ao MASP.



Fonte: www.facebook.com.br

Nota-se nesse ato artístico que a manifestação nas redes sociais foi trazida para a rua. O gênero *hashtag* oriundo do ambiente *online* transforma-se em uma expressão de arte em forma de protesto por meio de uma prática translíngua inversa, ou seja, do *online* para o *offline*. O que mostra que o fenômeno da translinguagem pode acontecer em uma via de mão dupla, ou seja, da linguagem *online* para a *offline*.

Nesse texto em forma de arte no mundo físico a multimodalidade também se apresenta de forma bastante significativa. O próprio local, a avenida Paulista - ponto de encontro de manifestantes de diferentes posicionamentos, colabora para a intencionalidade presente na obra. Assim como o fato de ela ser pintada em frente ao Masp, afirmando o apoio dos artistas ao movimento #vidasprestasimportam. É como se a hashtag #vidasprestasimportam fosse colocada ali para marcar o ponto de encontro dos manifestantes e agrupá-los, assim como ocorre nas redes sociais.

4.1.2 A iconicidade presentes na hashtag #vidaspretasimportam

O texto selecionado para análise, #vidasnegrasimportam, agrupa uma quantidade significativa de ícones para passar a mensagem de protesto desejada. Sendo assim, temos nesse caso o que Givon (1995) chama de “escala de ligação em códigos de complementação”, que codifica sintaticamente o grau de integração semântica de dois ou mais eventos simples em um único evento complexo.

Se retirado o termo “vidas”, que enfatiza o valor da vida do ser humano, a hashtag passa a ser constituída por #pretasimportam e o sentido é outro. Pode-se, por exemplo, interpretar essa nova *hashtag* como forma de agrupar mulheres pretas que lutam pela valorização de seus corpos e imagens.

Ainda, se retirado o termo “pretas”, ficando #vidasimportam, o texto não satisfaz ao seu objetivo discursivo que é enfatizar que se deve valorizar e parar de matar as pessoas pretas, mas sim as vidas em geral.

Por conseguinte, se retirado o verbo importam teremos #vidaspretas e, então, nesse último caso também não se evocaria a importância do respeito inter-racial entre as pessoas.

É importante ressaltar que apesar de focarmos no princípio icônico da quantidade para análise em #vidaspretasimportam, essa hashtag também apresenta os princípios da proximidade e da sequenciação em sua constituição, pois os termos “vidas”, “pretas” e “importam” se aglutinam.

Nesse sentido, a iconicidade estabelece uma correlação entre a quantidade de formas para desempenhar a função desejada no discurso, ou seja, o princípio da quantidade estabelece que maior quantidade de informação implica em maior quantidade de forma.

4.1.3 A referenciação presente na hashtag #vidaspretasimportam

No que tange a referenciação em #vidasnegrasimportam, os elementos linguísticos em uma mensagem veiculada em uma rede social tem função específica e servem, naturalmente, a algum propósito comunicativo, nesse caso a conscientização sobre questões raciais, para que possamos compreender os usos dos elementos linguísticos por meio de seus objetos de discurso. Desse modo, para identificar o objeto de discurso em #vidaspretasimportam é preciso que haja um referente dado ou novo no mundo, pois essa identificação só é possível

por meio da prática que envolve algum tipo de raciocínio, uma prática discursiva intrínseca que está relacionada a fatores de referenciação e à visão de mundo das pessoas, a inferenciação.

Diante disso, se faz importante a questão da inferência em #vidaspretasimportam, pois esse enunciado não deve ser visto como uma operação lógica, um sentido estrito, mas como uma projeção de natureza sociocontextual de um enunciado de protesto e revolta, que para ser entendido deve permitir a projeção de sentidos, independentemente das regras seguidas para isso. Só é capaz de compreender o sentido do texto #vidaspretasimportam aqueles que possuem o conhecimento dos fatos ocorridos contra pessoas pretas, fatos já mencionados anteriormente nessa seção, pois caso o usuário da rede não os conheça não será capaz de inferir sentido sobre o que está lendo e por esse motivo não será capaz de acalcar o objeto de discurso do texto. Ou seja, o leitor não consegue estabelecer o processo referencial de anáfora associativa sem possuir a visão de mundo sobre a luta racial dos pretos nos dias atuais. Assim, a referenciação, vista como atividade cognitiva, discursiva e interacional, na hashtag #vidaspretasimportam se concretiza por intermédio dos sujeitos sociais que a leem e a reproduzem aderindo ao protesto racial.

Mesmo na junção dos sintagmas em um único sintagma, é necessário as flexões de número, gênero e desinência verbal para que haja coerência na hashtag.

Dando sequência, traremos a seguir a análise da próxima *hashtag* selecionada.

4.2 Análise das *hashtags* #FiqueEmCasa e #FIQUEEMCASA

A *hashtag* escolhida refere-se a umas das campanhas em redes sociais, e também em outras mídias, mais vista durante a pandemia da covid 19. No *Facebook*, por exemplo, ela foi eleita a *hashtag* mais publicada durante o ano de 2020. É quase impossível alguém que navegue nas redes sociais não ter se deparado com a hashtag #fiqueemcasa, pois ela se tornou uma forma de conscientização, uma campanha, em prol do isolamento social para tentar conter o Corona vírus. Como se pode ver na postagem abaixo, feita na página do Facebook em abril de 2020 pelo poder judiciário do estado do Amapá.

Figura 10 - Postagem publicada pelo poder judiciário do Amapá.



Fonte: www.facebok.com.br

A postagem escrita apresenta três hashtags [#TodosPelaSaudeDeTodos](#), [#AjustiçaNãoPara](#) e [#FiqueEmCasa](#). Junto à escrita, abaixo dela, aparece uma imagem com o desenho de uma casa e no fundo a figura de vários corona vírus, para mostrar que a casa está rodeada deles. Junto da imagem, tem-se no topo a logo do poder judiciário do Amapá, que traz em caixa alta um efeito de sentido de destaque, com os dizeres “PODER JUDICIÁRIO – Tribunal de Justiça do AMAPA. Logo abaixo, está o slogan “Fique na sua. Que eu fico na minha”, uma menção a expressão popular “Fica na sua” muito utilizada na comunicação informal do português brasileiro.

Após a contextualização da postagem selecionada, parte-se para análise da *hashtag* [#FiqueEmCasa](#) que nela aparece, tendo em vista a descrição linguística do fenômeno da translinguagem, do princípio da iconicidade e do subprincípio da referenciação respectivamente.

4.2.1 A prática translínque de #FIQUEEMCASA no ambiente *offline*

Na Figura 11 apresentamos uma pintura realizada no muro de um cemitério na cidade de Pereira Barreto no interior do estado de São Paulo em abril de 2020, com os dizeres “#FIQUE EM CASA não queremos você aqui”.

Figura 11- Pintura no muro do cemitério da cidade de Pereira Barreto



Fonte: www.jornalportaldenoticias.com.br/

O objetivo da administração municipal ao realizar a pintura no muro foi o de chamar a atenção da população quanto à gravidade da pandemia do Coronavírus, alertando, de forma lúdica, para que seus munícipes tomassem medidas preventivas e entendessem que um dos principais atos de proteção a vida naquele momento pandêmico era o de ficar em casa, adotando o isolamento social.

A pintura traz a cerquilha, principal característica de uma *hashtag*, em sua produção verbal com o propósito de remeter o leitor ao termo digital #Fiqueemcasa tão difundido nas redes sociais, o que representa uma manifestação de prática translíngue entre as linguagens *online* e *offline*.

No entanto, podemos observar no texto da figura 11 que o uso da *hashtag* é uma forma de destacar o texto por meio de uma linguagem mais atual, porém os termos “FIQUE”, “EM” e “CASA” aparecem separados, ou seja, a opção do produtor do texto foi por não escrever os termos de forma fidedigna a de uma *hashtag*, sem espaçamento, pois o intuito dele não é agrupar usuários a uma mesma informação por meio de um hiperlink, como ocorre no ciberespaço, mas sim facilitar a leitura das pessoas que olham para o muro do cemitério. Logo, podemos verificar que acontece no processo de transição entre os ambientes *online* e *offline* uma variação linguística da *hashtag* “#fiqueemcasa” provocada de forma proposital por quem escreveu o texto.

Nesse caso, segundo os pressupostos Wei (2020), usar translinguagem por meio da *hashtag* no muro é deslocar-se entre diferentes estruturas e sistemas linguísticos, incluindo diferentes modalidades, e também além deles. A ideia é que a linguagem seja repensada e não mais considerada uma entidade formal, mas uma organização múltipla de processos que permitem interações que transcendem dinâmicas e práticas históricas e culturais. Por meio dessa perspectiva, não há divisões entre o que é linguístico ou extralinguístico na comunicação humana.

A seguir analisaremos como o princípio da iconicidade se manifesta na *hashtag* #FiqueEmCasa.

4.2.2 A iconicidade presente em #FiqueEmCasa

Sobre a iconicidade presente na *hashtag* #FiqueEmCasa, conforme Givón (1992) compreende-se que o fato mais notável sobre uma entidade tão complexa e multidimensional quanto a gramática é como sua complexidade é construída componencialmente, a partir de um número relativamente pequeno, de princípios icônicos cognitivamente transparentes. Logo, considerando que cada símbolo da *hashtag* como sendo um ícone, tem-se na constituição da mesma doze ícones: #; F; i; q; u; e; E; m; C; a; s; a. Nesse caso, pode-se dizer que a junção desses ícones realiza-se por meio do subprincípio da proximidade, pois a organização morfossintática da *hashtag* como um único morfema digital só é possível se todas estiverem juntas. Do mesmo modo, podemos compreender a formação da *hashtag* #FiqueEmCasa considerando que cada lexema seja um ícone sintático como acontece na frase “Fique em casa” e que o símbolo “#” funciona como um aglutinador desses ícones para a formação de sentido do texto digital como hiperlink. Nesse caso, tem-se apenas quatro ícones na constituição da *hashtag* em questão: #; Fique; Em; Casa.

Além disso, o subprincípio semântico de ordem sequencial, usado extensivamente na sintaxe, também pode ser percebido na *hashtag* #FiqueEmCasa, pois a sequência de cada um dos ícones precisa ser mantida em ordem. Caso contrário, o conteúdo do texto não terá o sentido esperado, como podemos constatar invertendo a disposição dos ícones na *hashtag*: Fique#EmCasa; FiqueEm#Casa; FiqueEmCasa#; #CasaEmFique, etc. Colaborando, assim, com a premissa Givoniana de que o subprincípio semântico da ordem linear é sintático semântico e transparentemente icônico quanto a ordem das orações para construção de um

discurso coerente e as informações mais importantes ou mais urgentes tendem a ser colocadas em primeiro lugar na sequência, como ocorre com o ícone “#” no gênero digital analisado.

Contudo, parece possível que em cada domínio gramatical, seja ele *online* ou *offline*, o princípio da iconicidade se combine com mais convenções estruturais específicas do domínio e aparentemente mais arbitrárias. Mas, mesmo convenções arbitrárias tendem a produzir uma medida de iconicidade – por si mesmas ou quando combinadas com elementos icônicos no contexto específico do domínio. Isso porque a sintaxe é um dispositivo composto no qual elementos mais icônicos – cognitivamente transparentes – combinam-se com os mais simbólicos – cognitivamente arbitrários – para formar uma estrutura de produção complexa (GIVÓN. 1992).

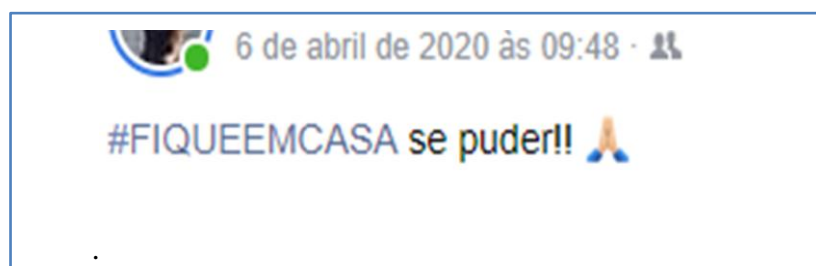
Antes de partir para análise de uma outra hashtag - [#FIQUEEMCASA](#) - com base em um dos subprincípios da informatividade, a referência, é importante destacar que o emprego de primeira letra em caixa alta no começo de cada lexema nas *hashtags* [#TodosPelaSaudeDeTodos](#), [#AjustiçaNãoPara](#) e [#FiqueEmCasa](#) é um recurso utilizado para facilitar a leitura dos usuários na rede, o que se constitui como mais um recurso multimodal produzido dentro da própria *hashtag*.

4.2.3 A referência presente em [#FIQUEEMCASA](#)

Descreve-se nos parágrafos a seguir como a informatividade, por meio do subprincípio da referência, se manifesta em uma *hashtag* muito parecida com a analisada anteriormente, mas publicada em um contexto discursivo diferente, e quais os recursos linguísticos empregados nesse processo. Para mostrar, como já apontado por Neves (2006), que a referência vai além da materialidade do texto e que acontece com base em gerenciamentos de fluxo de informação presentes na memória de seus interlocutores de acordo com suas experiências e visões de mundo.

A imagem da figura 11 apresenta a postagem a ser analisada.

Figura 12 - Postagem no *Facebook* em abril de 2020



Fonte: www.facebook.com.br

Na *hashtag* #FIQUEEMCASA a referenciação acontece pelo processo de anáfora associativa indireta de um elemento exofórico, ou seja, fora do texto, para conscientizar as pessoas sobre a importância do isolamento social durante a pandemia do covid19. Observe que o termo “fique em casa” é considerado um referente dado apenas dentro desse contexto de pandemia vivenciado durante o ano de 2020. Antes disso, esse mesmo termo não faria o mesmo sentido para os leitores da rede, pois não existiria um objeto de discurso (a importância do isolamento social) a ser retomado, o que faria dele um referente novo. Por exemplo, em outro contexto a mesma publicação poderia indicar que um acontecimento adverso estaria acontecendo na cidade em que o internauta, autor da postagem, mora.

Assim, ao analisar a *hashtag* #FIQUEEMCASA apresentada na postagem, observa-se, seguindo a linha funcionalista de Mondada e Dubois (2003) e de Neves (2006), que os referentes não se manifestam de forma igual ou natural no mundo, mesmo com etiquetas virtuais anexadas a eles, pois na comunicação o que vale é o contexto discursivo escolhido por quem o proferiu e para o que/a quem foi proferido. Isso porque a escolha do referente é motivada pela situação discursiva e pela interação em diferentes contextos comunicativos. Por isso, não se deve falar em referência, mas sim em referenciação. Afinal a língua e a linguagem constituem-se por meio das práticas linguísticas adotadas por aqueles que a utilizam tanto no ambiente *offline* quanto no *online*.

Na próxima seção analisaremos o texto #sextou.

4.3 Análise da hashtag #sextou

Como manifestações culturais presentes nas sociedades, a língua e a linguagem caracterizam-se por serem mutáveis, dinâmicas e inovadoras. Verifica-se constantemente, por exemplo, a criação de novas palavras para suprir as necessidades comunicativas dos usuários de acordo com a realidade situacional que desejam expressar verbalmente. Entre as categorias dessas novas palavras que são formadas, estão os verbos. Dessa forma, os usuários da língua lançam mão das estruturas lexicais e morfossintáticas, disponíveis e já conhecidas,

para criar formas linguísticas novas, como no caso do verbo denominal ⁸“sextou” a ser analisado na postagem a seguir.



Fonte: www.facebook.com.br

O dinamismo da língua possibilita a renovação do léxico e a formação de neologismos como a criação da expressão #sextou. Segundo Faraco (2019, p. 35), “uma língua é, na verdade, uma construção imaginária em que se mesclam fatos linguísticos com fatores históricos, políticos, sociais e culturais”. Para o autor, é esse complexo de elementos interconectados que leva os falantes a identificarem suas variedades linguísticas como constitutivas de uma determinada língua.

Nesse sentido, Faraco (2019) afirma que a variação e a mudança são inerentes a qualquer realidade linguística como processos naturais de variação e de mudança na língua. O que ocorre nesses processos, muitas das vezes, é o acréscimo de prefixos e sufixos a palavras já existentes que acabam por transformar o significado usual, dando ressignificação ao léxico da língua (BECHARA, 2009). Por esse prisma, a gramática do uso é dinâmica, aberta às possibilidades formais e informais, dentro daquilo que é licenciado pelo sistema linguístico.

⁸ Para Bassani (2009), um verbo é considerado denominal quando é formado a partir de um nome, pertencente à categoria de substantivo ou adjetivo. Logo, chama-se verbo denominal em português aquele que se forma a partir da junção, a um nome, de um vogal temática verbal (**a**, **e** ou **i**) e uma marca de flexão infinitiva (**-r**, como em **perfum-a-r**).

Portanto, se a língua é dinâmica e está relacionada à cultura de um povo, o surgimento das palavras, os neologismos, é um resultado nítido dos reflexos sociais que estão entrelaçados às práticas comunicativas do indivíduo na sociedade.

Percebemos que a utilização desse verbo denominal, derivado do primeiro elemento de *sexta-feira*, que é nome composto, nomeia um estado de coisas que é inerente ao dia da semana em que esse anúncio foi publicado. Esse fato nos parece interessante, já que uma determinada realidade não é nomeada por meio de um nome propriamente dito, mas por meio de um verbo denominal proveniente do primeiro elemento de *sexta-feira*, que, na realidade, é um numeral. Ainda vale dizer é que o verbo *sextou* está conjugado na terceira pessoa do singular, o que levaria a uma construção do tipo *ele/ela sextou*.

No entanto, pragmaticamente e pela forma como esses verbos têm sido usados no cotidiano pelas pessoas, inferimos que a desinência *-ou*, nesse contexto, é pouco significativa se atentarmos somente para a sua morfologia, já que o que esse verbo representa, de fato, é um dia da semana e a sua dinâmica social. Em outras palavras, o que se propõe é a construção: “Chegou a sexta-feira”. Logo, o tempo pretérito usado no verbo denominal “sextou” tem a função de mostrar o acontecimento, o evento, e não um tempo físico de uma ação passada.

Contudo, vale a pena salientar, apesar de não ser o foco de nossa proposta de análise, que a construção do verbo denominal “sextou” realiza-se por meio do processo de gramaticalização, pois evidencia-se uma unidirecionalidade em que um item lexical se torna mais gramaticalizado, passando de uma forma mais livre para uma forma mais presa. Desse modo, a gramaticalização advém da atividade constante de interações sociais, o maior facilitador para a criação de novos termos dentro das línguas, já que são nessas interações que a língua ganha vida. Sendo assim, é em meio às práticas cotidianas, nos contextos efetivos de comunicação que as palavras nascem e vão se adequando ao sistema da língua, satisfazendo os interesses dos seus usuários e revelando a dinâmica social.

No caso da postagem apresentada na figura 13, a *hashtag* [#sextou](#) aparece compondo o texto para divulgação de um evento na cidade de Vargem grande – MA como podemos observar na segunda *hashtag* utilizada, [#vargemgrandema](#), e também no texto verbal utilizado na produção da arte de divulgação, uma espécie de pôster digital. A função da *hashtag* [#sextou](#) nesse texto é remeter o leitor ao fato de que o dia do Show Reggae da Mega Itamaraty acontecerá em uma sexta-feira do dia 17 de setembro, um dia propício para se

divertir por se tratar de uma sexta-feira. Ao clicar na hashtag #sextou o internauta é direcionado a várias outras postagens relacionadas a eventos de diversão e lazer e, mesmo que ele não clique na *hashtag*, já está subentendido que a utilização do #sextou no ambiente *online*, nesse caso o *Facebook*, provavelmente levará a postagens de festas, shows, passeios etc.

Mas não é apenas no ambiente *online* que a expressão “sextou” aparece. Ela está presente também no ambiente *offline*, inclusive em forma de *hashtag*, como veremos na análise a seguir.

4.3.1 A prática translíngue em #sextou no ambiente *offline*

A expressão “sextou” é muito utilizada no ambiente *offline* por meio das linguagens oral e escrita. Por exemplo, muitas pessoas ao saírem do trabalho em uma sexta-feira cumprimentam seus colegas com dizeres do tipo: “Sextou! Até segunda! Bom fim de semana!”. Muitos professores ao chegarem na sala de aula em uma sexta-feira se deparam com um “sextou” ou “#sextou” escrito no quadro por algum estudante. Esses fatos linguísticos comprovam que um termo originário do ambiente *online* é utilizado no ambiente *offline* por meio de uma prática translíngue adotada pelos falantes do português brasileiro. No entanto, é menos comum, ouvirmos “Hashtag. Sextou!”, apesar dessa expressão existir, principalmente entre os mais jovens, e se mostrar uma construção possível na oralidade e viável para análise em trabalhos futuros sobre o tema.

Entretanto, o próximo texto analisado traz a hashtag #sextou em um quadro decorativo, como podemos ver na figura 14.

Figura 14: Quadro decorativo #sextou



Fonte: www.google.com.br

A figura 14 apresenta um quadro decorativo, geralmente colocado em bares ou em casa nas áreas de recepção de convidados, de fundo e moldura pretos, com o desenho de uma taça na cor branca contendo o desenho em vermelho representando uma bebida dentro da taça e embaixo do desenho da taça o escrito “#sextou” também em branco.

Nesse quadro, a hashtag [#sextou](#) é colocada abaixo do desenho da taça como uma estratégia de construção textual multimodal, para fazer alusão ao fato de ter chegado a sexta-feira, dia de beber uma bebida alcoólica. Mas uma vez, como já visto nas análises anteriores, a *hashtag* que compõe o quadro decorativo adquire uma função não só estética, mas, também, informativa - esse é o dia e o lugar para beber.

Logo, na perspectiva do leitor que vê o quadro no local, será contextualizada a *hashtag* como uma forma de apresentação de um ambiente mais descontraído, menos formal. Percebemos que, no uso de “#sextou” no quadro decorativo, não há necessariamente, ao nível do texto, um sujeito específico que esteja, por exemplo, praticando a ação de *sextar*, já que o quadro continuará ali mesmo em outros dias da semana ou mesmo que ninguém esteja ali praticando o ato de *sextar*.

Assim, dentre outras tantas conceituações que evocam as recentes práticas linguísticas, García e Wei (2014) diferenciam a translinguagem de outros conceitos por considerarem que essa perspectiva consegue relacionar criatividade e produção de significados alternativos com o uso social que as pessoas fazem da língua e da linguagem. Além disso, segundo os autores, ela abre para a discussão sobre o quanto é válida a ação criativa – e também moral e política – dos usuários que inventam, recriam, traduzem e hibridizam suas práticas comunicativas, como

acontece na transposição do [#sextou](#) da linguagem *online* apresentada no *Facebook* para o quadro decorativo na linguagem *offline* no bar ou na casa.

Vejamos a seguir como a iconicidade se manifesta na hashtag [#sextou](#).

4.3.2 A iconicidade presente em [#sextou](#)

À primeira vista, o texto digital [#sextou](#), usado na descrição da postagem da figura 13 e no quadro decorativo da figura 14, parece aparentemente simples, porém, encontra-se nele uma carga semântica de signos muito significativa para expressar o sentido de “chegou a sexta”, “chegou o fim de semana”, “dia de diversão” e outros sentidos desse tipo. A junção do símbolo # à palavra “sextou” gera ao mesmo tempo a manifestação de três subprincípios icônicos, de acordo com Givón (1992): o subprincípio da quantidade, pois mais material linguístico foi acrescentado à palavra *sextou* (# + sextou = [#sextou](#)); o subprincípio da proximidade, pois o símbolo # precisa estar colado à palavra “sextou” para causar o efeito de forma esperado, o hiperlink; o subprincípio da sequenciação, pois para a formação da *hashtag* é preciso que o símbolo # venha antes da palavra ou sentença que se deseja transformar em um hiperlink. Não se pode criar esse tipo de gênero quebrando essa sequência, como por exemplo “sextou#”, pois, não obtém-se o mesmo resultado – a criação de um hiperlink.

Seguindo os pressupostos de Givón (1992), em [#sextou](#) o princípio da sequenciação é presumivelmente motivado pelos mesmos fatores cognitivos que motivam o princípio de proximidade, ou seja, que é mais fácil associar entidades mentais que devem estar intimamente associadas se eles são codificados em proximidade temporal e espacial. Além disso, a cerquilha age como um princípio de ordem sequencial que envolve o uso pragmático da ordem das palavras para indicar a atualidade dos referentes – em termos de importância ou em termos de acessibilidade.

A seguir analisamos o [#sextou](#) quanto a fatores de referenciação.

4.3.3 A referenciação presente em [#sextou](#)

A *hashtag* “[#sextou](#)”, que aparece na figura 13, vista de forma isolada apresenta um processo referencial por anáfora encapsuladora, em que o referente é acionado por meio da progressão textual e da progressão tópica por estabelecerem um objeto de discurso a partir de

um trecho do texto, nesse caso o ‘#sextou’ para remeter ao fato de ser sexta-feira, dia de se divertir e ainda mais com o show de Reggae na boate Itamaraty em Vargem Grande. E também, esse encapsulamento está na própria *hashtag*, quando clicamos nelas e somos levados a outros referentes (outras postagens). Nessa perspectiva, as anáforas recebem não apenas a especificidade da designação do objeto do discurso, mas também carregam os valores semânticos dos demais itens lexicais do contexto, ou mesmo inferências, que remetem ao contexto.

No entanto, o uso da hashtag #sextou, analisando a postagem como um todo, ao aparecer antes da arte de divulgação do show apresenta característica de catáfora endofórica, dentro do texto, pois remete ao anúncio publicitário da imagem que contém a data e o dia de sexta-feira. Assim, no texto da figura 13 #sextou constitui-se como uma forma com função remissiva, um elemento referencial coesivo, que remete a outro elemento linguístico que está por vir no texto, pois faz com que o leitor procure pelo referente e dirija sua atenção para continuidade do texto.

Já o texto que aparece na figura 14 mostra que os elementos que anaforizam o objeto de discurso também se recriam de maneira criativa, não somente na possibilidade das escolhas lexicais, mas também gramaticais e modais, por exemplo. Por isso, há de se acompanhar essa potencialidade discursiva das *hashtags* mediante uma gama cada vez mais ampla de possibilidades de usos. Desse modo, destacam-se os desdobramentos que insurgem na forma de ver o referente, ou seja, a referência realizada, também, por uma expressão conotativa, é constituída pela ação de aplicar determinada expressão, dando-lhe um sentido que é construído concomitantemente ao texto multimodal no quadro decorativo.

Na próxima seção realizaremos a última análise com a hashtag #tbt.

4.4 Análise da hashtag #tbt

O *Throwback Thursday*, ou somente “tbt”, é uma tendência na qual pessoas compartilham uma fotografia antiga com qualquer tema, como, por exemplo, fotos de si mesmas, de situações ou acontecimentos marcantes. O primeiro registro que se tem do *Throwback Thursday* é da explicação do termo no Urban Dictionary, em 2003. Um site sobre calçados, Nice Kicks, desde 2006, publicava em uma seção sobre tênis antigos sempre às

quintas-feiras, mas foi somente em 2011 que o termo se popularizou e blogs americanos passaram a utilizar a expressão para sinalizar que a publicação era sobre o passado.

Nas redes sociais, o *Throwback* se tornou conhecido quando pessoas famosas começaram a utilizar a expressão. Somente no final de 2011, quando já era permitido o uso de *hashtags* nos aplicativos *Facebook* e *Instagram*, a *#tbt* viralizou. A *#tbt* e suas variações como *#throwback* ou *#throwbackthursday*, tornaram-se as *hashtags* mais conhecidas por marcarem publicações de fotos antigas. Outras variações para uso em outros dias da semana existem com o mesmo contexto, como *Flashback Friday* ou *Wayback Wednesday*, mas são pouco utilizadas.

No contexto dos estudos linguísticos, o uso do *tbt* manifesta uma prática translíngua entre a língua inglesa e a língua portuguesa no Brasil, pois observamos aí que a expressão tem sua origem na língua inglesa, mas é utilizada comumente na língua portuguesa sem perder sua forma e o seu sentido original. Logo, a prática de uso do *#tbt* nas redes pelos falantes do português brasileiro remete a noção de bilinguismo e de sujeito bilíngua, partindo de uma visão de língua heteroglósica. Desse modo, a seleção da *hashtag* *#tbt* para análise requer a discussão sobre bilinguismo e translíngua - nesse caso realizada entre duas línguas diferentes e não entre as línguas *online* e *offline*, como é o caso do nosso trabalho – para que possamos compreender a utilização do termo pelos usuários brasileiros na rede social *Facebook*.

A esse respeito, amparados nas ideias de García (2009), defendemos que é coerente a denominação translíngua quando se descrevem as práticas linguísticas do sujeito bilíngua a partir da perspectiva dos falantes, e não simplesmente a partir do uso das línguas ou do contato linguístico. Dessa maneira, a translíngua se refere às múltiplas práticas discursivas nas quais os bilíngues se engajam para que seu mundo bilíngua faça sentido. Além disso, corroborando com os pensamentos de Busch (2012), Garcia e Wei (2014) notamos na língua *online* a utilização de um repertório linguístico, entre línguas, mais vasto em detrimento das divisões clássicas de primeira e segunda língua, o que propõe um reexame do conceito de bilinguismo a partir da noção de translíngua.

Nesse sentido, também podemos pensar no uso da expressão *#tbt*, baseados nos estudos de Canagarajah (2013), como a formação de um sistema integrado dentro do ciberespaço em que a competência bi/multilíngua emerge práticas locais nas quais as línguas são negociadas para comunicação. Nesse caso, a competência linguística não consiste em

competências separadas para cada uma das línguas, mas em uma multicompetência que funciona simbioticamente para as diferentes línguas no repertório dos usuários da rede. Em outras palavras, o uso do #tbt não afirma o usuário como falante bilíngue ou multilíngue, pois muitas vezes ele não é fluente na língua inglesa ou em outras, mas vincula o uso do tbt como uma expressão universal dentro e fora das redes.

Contudo, o termo #tbt, na perspectiva da translanguagem, apresenta um bilinguismo pelo falante do português brasileiro que deixa de ser entendido como a relação entre dois sistemas monolíticos separados por conjuntos de características específicas de cada um, para ser constituído por uma série de práticas linguísticas e sociais que estão embutidas em uma rede de relações sociais complexas decorrentes da linguagem *online*.

Observe na figura 15 uma postagem com a hashtag #tbt na rede social *Facebook*.

Figura 15: Postagem de #tbt sobre a UFLA no Facebook



Fonte: <https://web.facebook.com/search/top?q=ufla>

Notamos na postagem que a *hashtag* #tbt aparece entre um texto escrito em língua portuguesa com os dizeres “Hoje o nosso #tbt é do centro de convivência da década de 70. Olha a evolução! Legal, né? A foto é do @sclucas_. Agradecemos muito pela contribuição! #vempraufla #ufla #tbt #memoriasufla #lavras”, seguido de uma imagem que apresenta o texto verbal “#tbt memórias UFLA” com a logo da instituição na parte inferior e uma foto da universidade na década de 70 em preto e branco.

A postagem foi feita na página do *Facebook* da UFLA, para relembrar como era o antigo centro de convivência na década de 70 e mostrar como ele evoluiu. Nela a *hashtag* #tbt

é utilizada para reforçar a ideia de resgate de memórias por meio de fotos da universidade, em que percebemos o termo **#tbt** sendo tratado como um nome sinônimo de lembrança, recordação etc. Assim, a **#tbt**, que remete ao compartilhamento de imagens do passado, acaba sendo utilizada para sinalizar que imagens não foram produzidas momentos antes da publicação, como mostra a foto em preto e branco que aparece na postagem, mas sim há tempos e esse uso não é limitado à quinta-feira apenas.

É perceptível também, a interação de diferentes modos de linguagem, escrita, imagem, cores e símbolos, na formação do efeito que se espera com a postagem, divulgar a universidade na rede social, o que mostra mais uma vez que a multimodalidade se faz muito presente dentro dos ambientes *online*. Nesse contexto, a *hashtag* **#tbt** possui uma natureza imagística, apresentando, portanto, propriedades que se assemelham ao objeto a que se refere.

Em seguida trazemos um texto retirado do ambiente *offline*, a fim de mostrar como a *hashtag* **#tbt** pode se manifestar fora das redes.

4.4.1 A prática translíngua em #TBT no ambiente *offline*

Assim como as demais *hashtags* já analisadas, a **#tbt** também pode ser encontrada fora do ambiente *online*, como a que aparece na figura 16.

Figura 16: Camiseta #TBT



Fonte: Google imagens

Na figura 16 temos uma camiseta cinza com os dizeres “Eu e você ainda faremos um #TBT de hoje.” em que todas as palavras estão escritas na cor preta, exceto o termo #TBT que aparece na cor vermelha e em caixa alta – uma estratégia multimodal de destaque. No texto, a *hashtag* é utilizada para dar o efeito de humor, sugerindo que às pessoas que o leem na camiseta, futuramente, postarão uma #tbt do dia de hoje. Mais uma vez aparece uma prática translíngue utilizando a *hashtag* fora do espaço *online*, dessa vez para estilizar um objeto do mundo da moda.

A translíngua presente em #TBT parece favorecer a construção do conhecimento linguístico, principalmente em decorrência das experimentações de sentido que os usuários são colocados ao lerem o que está escrito na camiseta. Ou seja, uma pessoa que não está acostumada a utilizar as redes sociais, ou que não tem acesso ao ambiente digital, dificilmente compreenderá o sentido de humor pretendido pelo texto, pois o conhecimento humano sobre a língua e a linguagem, como aponta Wei (2017), não pode ser separado de seu conhecimento sobre as relações e as interações sociais, que inclui a história, o contexto de uso e os valores simbólicos e emocionais construídos pelos usos sociais e específicos das línguas e das linguagens.

Nesse contexto, percebemos que a translíngua não traz consigo a garantia de sentido, não só para *hashtag* #tbt, mas para todas as outras já analisadas e descritas até o momento, pois nas comunidades linguísticas é a frequência de uso de um dado elemento linguístico que irá decidir se este elemento será aceito na língua ou não, o sucesso de uma determinada variação de uso de uma *hashtag* também está condicionado à aceitação dos usuários dos ambientes *online* e *offline*. Desse modo, a translíngua, com apresenta Wei (2020) compreende todo o conjunto das práticas linguísticas para formas de comunicação entre línguas e linguagens, sendo assim um ato de natureza transformadora.

Vejamos a seguir como a iconicidade pode ser descrita na *hashtag* #tbt.

4.4.2 A iconicidade presente em #tbt

A *hashtag* #tbt apresentada na figura 15 traz em sua constituição o princípio da iconicidade não apenas ao unir o ícone cerquilha ao termo tbt, mas, também, ao fazer da abreviatura de três letras uma remissão ao termo *Throwback Thursday*, pois o tbt passa a exigir menos material linguístico para o entendimento da mensagem, um indício do

subprincípio icônico da quantidade. Temos nesse caso o mesmo fenômeno exemplificado no referencial teórico com o termo “pqp” que aparece na figura 4 na página 45, em que a retirada do material de codificação (*Throwback Thursday* => *tbt*) não altera o significado da expressão na mente do leitor. Aliás, nesse caso, poderíamos ousar a afirmação de que o termo *tbt* é muito mais marcado do que o termo *Throwback Thursday*, pois muitos dos usuários do português brasileiro utilizam o acrônimo sem saberem que sua origem está na expressão inglesa *Throwback Thursday*.

Logo, segundo os pressupostos teóricos de Givón (1992), o subprincípio da quantidade presente na *hashtag* *#tbt* parece realizar-se pelo que o linguista chama de motivação econômica, uma vez que a economia de processamento mental é presumivelmente uma restrição em todas as operações mentais, mesmo não estando claro se a designação de economia aqui é específica o suficiente. E a noção de economia cognitiva é relevante, pois o tempo de processamento e a complexidade cognitiva ou esforço mental são alterados pela utilização de menos código linguístico.

Assim como já mencionado nas *hashtags* analisadas anteriormente, em *#tbt* também encontramos a atuação dos princípios da proximidade e da sequencia linear. Quanto ao subprincípio da proximidade, é observada a estreiteza de relação existente, quanto à distância, entre a cerquilha e as letras “t”, “b” e “t”, que são aglutinadas para formação de uma integração morfossintática que gera a *hashtag* *#tbt* causando uma interdependência entre os constituintes não só de proximidade, mas também de sequenciação. Além disso, identificamos em *#tbt* o subprincípio da ordem sequencial e atualidade, pois a cerquilha aparece primeiro, em todas as *hashtags*, como o ícone que traz a informação mais importante, mais previsível e imprescindível para assegurar a forma e a função desse tipo de texto digital.

Seguimos para análise da referenciação presente na *hashtag* *#tbt*.

4.4.3 A referenciação presente em *#tbt*

A referenciação apresenta-se na *hashtag* *#tbt* para remeter o leitor a uma atividade realizada no passado. Na figura 15, por exemplo, o objeto do discurso da postagem é a lembrança ao centro de conveniência da UFLA na década de 70 por meio da fotografia. O processo de referenciação presente na *hashtag* *#tbt* que aparece na primeira linha da postagem escrita é provocado por uma catáfora direta por meio da relação explícita do referente, a

fotografia tirada no passado, com sua forma remissiva #tbt. Ou seja, a *hashtag* contribui para compreensão do leitor sobre o que viria à frente na postagem.

O texto “#tbt memórias UFLA” vem reforçar um elemento textual que já apareceu no texto, a primeira #tbt, constituindo-se como um referente dado, assim como a #tbt que aparece novamente na última linha da postagem agrupada a outras *hashtags*. Nos dois casos temos um processo de anáfora nominal direta por meio de uma referência endofórica. Chama-se de anáfora por nomeação a expressão referencial que, por meio de um sintagma nominal, transforma em referente uma proposição anterior. Além da nomeação esse tipo de anáfora pode ser a oportunidade de o falante manifestar a sua subjetividade ou repetir a de outra pessoa.

Já na *hashtag* #TBT na camiseta, figura 16, a referência acontece pelo processo de anáfora associativa indireta de um elemento exofórico, o uso do #tbt para se postar coisas do passado, pois a formulação de sentido sobre o humor contido no texto da camiseta só é compreendido quando o leitor conhece o significado da expressão tbt e assim é capaz de fazer o processo de referência para se chegar ao objeto do discurso. Em outras palavras, não há informações explicitamente formadas no interior do texto, para que se dê a identificação do referente em forma de uma retomada, como acontece nas anáforas diretas. Assim, cabe ao leitor, a partir de conhecimentos gerais supostamente partilhados, estabelecer a relação de referência e assim constituir o sentido do texto.

Ainda, a depender do letramento digital do leitor, o #TBT pode ser compreendido como dado novo, caso não se conheça a expressão “tbt”, ou como dado velho, caso já se conheça a expressão “tbt”. Desse modo, de acordo com Mondada e Dubois (2003), a referência presente em #TBT não deve ser vista exclusivamente como uma concepção do referente como espelhamento do mundo, pois, pela perspectiva sociocognitiva, ao ser referenciado, o mundo passa pelo processamento cognitivo do enunciador e é reelaborado de acordo com suas vivências socioculturais e estabilizado, apenas momentaneamente, de acordo com as intenções de uso da língua e da linguagem.

Diante das análises e descrições realizadas nas *hashtags* #vidaspretasimportam, #fiqueemcasa, #sextou, #tbt e suas formas de variação, consideramos os resultados das análises como satisfatórios por conseguirem atingir o objetivo geral e os objetivos específicos propostos da pesquisa.

Por fim, na última seção tecemos nossas considerações finais seguido das referências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, constatamos por meio da análise das *hashtags* que a linguagem transita entre os ambientes *online* e *offline* assumindo a mesma forma, porém, muitas das vezes, funções distintas e, também, que os princípios funcionalistas da iconicidade e da informatividade, com o subprincípio da referenciação, são capazes de se manifestarem em textos digitais como as *hashtags*. Para isso, nos baseamos em preceitos teóricos que puderam auxiliar nas análises da pesquisa.

Assim, após apresentação da análise dos exemplos escolhidos, consideramos ter atingido o objetivo geral do trabalho: realizar a análise e a descrição linguística dos textos que transitam entre os ambientes *online* e *offline*, mais especificamente o gênero digital *hashtag*. Assim como, os três objetivos específicos: i) apresentar conceitos linguísticos que envolvem a linguagem *online* por meio de literaturas disponíveis; ii) compreender como as práticas translíngues se manifestam da linguagem *online* para linguagem *offline* a partir de *hashtags* postadas na rede social *Facebook* ; iii) descrever os aspectos linguísticos presentes em *hashtags* com o auxílio da teoria linguística funcionalista.

Quanto à linguagem *online*, verificamos que as TDICs transformaram as formas de comunicação nas últimas décadas baseadas em diferentes textos multimodais. Os textos mudaram a maneira de ler e escrever das pessoas quando migraram do papel, ou qualquer outra superfície, para as telas digitais, pois a partir daí ampliaram seus fatores de multimodalidade, criando hipertextos mais interativos e complexos.

Com isso, foi possível relacionar os estudos da multimodalidade com os estudos sobre letramento digital na busca de entendermos um pouco mais sobre as formas e as funções dos textos digitais, por meio do estudo das *hashtags*. Verificou-se, então, por meio do estudo teórico e na observação das análises, que o letramento digital é o estado e a condição adquirida pelos usuários da rede a partir de práticas sociais e linguísticas.

No que se refere aos aspectos da translíngua entre os ambientes *online* e *offline*, constatamos a coexistência das *hashtags* nos dois ambientes, assim, o uso da linguagem *online* não restringe o da linguagem *offline*, pelo contrário, muitas das vezes o reforça, como demonstrado nos resultados das análises. Ou seja, o usuário do português brasileiro é capaz de utilizar práticas translíngues de acordo com o ambiente em que deseja ou precisa se

comunicar, escolhendo entre uma ou outra linguagem. Assim, verificamos que o ambiente *online* é textualmente mediado pela linguagem *online*.

No entanto, a análise empírica mostrou que os textos originariamente pertencentes ao ciberespaço não estão restritos a ele e transitam também no espaço *offline* amparados pelas práticas translíngues adotadas por seus usuários.

Por meio dos estudos teóricos e da análise do *corpus*, percebemos que compreender a dinâmica das *hashtags* como objeto científico de pesquisa é uma forma de analisar o comportamento linguístico e mostrar que a comunicação escrita presente na linguagem *online* possui características ora singulares, ora distintas, em comparação com a linguagem *offline*, realizando-se por meio da interação linguística entre as pessoas. Nesse sentido a teoria funcionalista nos auxiliou na análise e descrição da forma e das funções exercidas pelo texto digital.

Do ponto de vista metodológico, não nos dedicamos a ser exaustivos nos exemplos apresentados em nosso referencial teórico e tão pouco em nossas análises, pois não pretendíamos validar as teorias apresentadas, mas abordá-las como uma forma de nos auxiliar na busca dos objetivos da pesquisa. Entretanto, pelo fato de os estudos inerentes à linguagem *online* se constituírem como uma grande seara para os estudos da linguagem, escolhemos como recorte o texto digital *hashtag* para nossa pesquisa e, auxiliados por teorias que versam sobre o funcionalismo, multimodalidade, letramento digital e translíngua, propusemos análises que podem contribuir para o argumento de que a linguagem *online* se trata de um frutífero e vasto terreno para futuras pesquisas sobre o tema.

Logo, pensar e compartilhar os saberes é o que sempre fez a ciência se mover. Nesse sentido, o ambiente *online*, com todas as formas de divulgação existentes, permite que os pesquisadores assumam determinado ponto da teoria para expandir seus conhecimentos e ramificá-la. Pensar nisso do ponto de vista da linguagem *online* e realizar junções dos diversos saberes, que vêm se desenvolvendo mundo a fora, é uma forma bastante interessante de percebermos o quanto muitos trabalhos já foram, e ainda podem ser desenvolvidos sobre o tema e o quanto de potencialidade ainda temos para chegar na relação com o fazer pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009 (Estratégias de ensino, 10).
- ASSIS-PETERSON, A. A. de. **Como ser feliz no meio de anglicismos: processos transglóssicos e transculturais**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vol. 47, n.2, 2008, pp. 323-340.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUSCH, B. **The Linguistic Repertoire Revisited**. *Applied Linguistics Advance Access*, Oxford, p. 1-22, 2012.
- CAVALCANTE, M. M. **Expressões referenciais – uma proposta classificatória**. *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, v. 44, 2003.
- COSCARELLI, C. **Os dons do hipertexto**. In: *Littera: lingüística e literatura*. Pedro Leopoldo: Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo, 2006.
- COSCARELLI, C.; NOVAES, A. E. **Leitura: um processo cada vez mais complexo**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul./set. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale/article/view/8118><http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale/article/view/8118/5807>>. Acesso em: 15 mai. 2021.
- DARODA, R. F. **As novas tecnologias e o espaço público da cidade contemporânea**. 2012. 122f. Dissertação (Dissertação em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura da UFRS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- DIAS, M. C.; NOVAIS, A. E. **Por uma matriz de letramento digital**. In: III ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 2009, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: CEFET-MG, 2009.
- DIK, S. C. **Functional grammar**. Dordrecht: Foris, 1981.
- FARACO, C. A. **História do português**. São Paulo: Parábola, 2019.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **Funcionalismo**. In: MARTELOTTA, M.E. (org). *Manual de linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- GABRIEL, Martha. **Educ@r: a (r)evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- GARCÍA, Ofelia. **Bilingual education in the 21st century: A global perspective**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GARCÍA, Ofelia; WEI, Li. **Translanguaging: language, bilingualism and education**. London: Palgrave, 2014.

GIVÓN, T. **Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations**. Oregon: The University of Oregon, 1992.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Publishing Company, 1995.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOPES, Pâmela Tamires Dias. **Taxonomia corporativa e taxonomia facetada: análise dos usos e aplicações na ciência da informação e na ciência da computação**. 2018, 95f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação, 2018.

MARTELOTTA, M. E. VOTRE, S. J. CAZARIO, M.M. **O Paradigma da Gramaticalização**. In MARTELOTTA, M. E. VOTRE, S. J. CAZARIO, M.M. (orgs). **O Paradigma da Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 24 – 40.

MURER, Ricardo. **O que é ciberativismo**. Publicado: 29/07/2013 Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/rede/eu-virtual/2013/07/29/o-que-e-ciberativismo/>>. Acesso em: 02 set. 2021.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração**. 2011, 73F. Disponível em: <https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_Prof_Maxwell.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2021.

PRETO-BAY, Ana Maria R. **Acesso social, práticas educativas e mudanças teórico-pedagógicas ligadas ao gênero textual**. In: SCHOLZE, Lia. ROSING, Tania M.K. (orgs). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

ROJO, R; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros Discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-moderno: da cultura das mídias à cibercultura**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SOARES, M. B. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** In: Educação e Sociedade/Centro de Estudos Educação e Sociedade – vol.23, n. 81. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, Noêmia Maria de. **Discurso monolíngue e práticas de translinguismo: um estudo sobre os enunciados dos alunos do ensino médio.** Anais do Seminário do ICHS – Humanidades em Contexto: desafios contemporâneos (2017) ISSN 2527 – 2659. Disponível em: <<http://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/seminarioichs/seminarioichs2017/paper/viewFile/5589/1547>>. Acesso em: 20 de mar. 2020.

STREY, M. N e KAPITANSKI, R. C. **Educação & Internet.** São Leopoldo: Sinodal, 2011.

TRANS-ING Language and Cognition: Debates and Directions of Translanguaging Research. Conferência apresentada por Li Wei [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (57min:26s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RxBBaRaO9jk>. Acesso em: 20 abr.2021.

TEIXEIRA, Patrícia B. **Caiu na rede. E agora? Gestão e gerenciamento de crise nas redes sociais.** 1. ed. São Paulo: Évora, 2013.

WEI, L. **Translanguaging as a practical theory.** *Applied Linguistics*, Oxford, v. 39, p. 9-30, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/applin/amx039>. Acesso em: 9 abr. 2021.